



NORDESTE



"São os do Norte que veem..."

Um francês escreve sobre o café

Waldemar Lopes



Talvez me engane; tenho para mim, porém, que qualquer caféólogo de boa estirpe não desdenharia ter sob os olhos a dezena de páginas dedicadas ao cafeiro, no útil e prestável livrinho, destinado a "servir à l'instruction du lecteur", que M. Arthur Mangin lançou em Paris, nos meados do século XIX. Depois que as pesquisas históricas em torno do café adquiriram tanta amplitude entre nós, é fora de dúvida que nada de novo se pode oferecer aos bons farejadores do assunto. Muito menos haverá novidade no que se contenha numa obra de objetivos modestos, quase didáticos, e que, além de não ser inteiramente dedicada ao café, foi entregue à circulação cerca de duzentos anos depois de tantas outras que ainda hoje possuem um interesse fundamental para os estudos sobre a história do café em todo o mundo, inclusive aquela cuja reedição em vernáculo devemos ao mestre Afonso de E. Taunay: "De saluberrima potione caue seu café nuncupata discursus".

Vamos reconhecer, porém, que a paixão dos caféólogos não se limita, apenas, das precisidade bibliográficas, dos cimélos famosos, das descobertas sensacionais; estima, igualmente, essas contribuições mais simples, em que há, pelo menos, informações a confrontar e equívocos a esclarecer, até que a verdade se imponha no cipoal de contravérsias de que é feita a História. — não só a grande, em que fica bem o H maiúsculo, mas também a dos fatos miúdos, limitados, por vézes, a um simples produto, embora, no caso, com a importância econômica, e até mesmo social, do café.

As primeiras indicações de Mangin são apenas descritivas; referem-se à árvore do cafeiro, que nas estufas não vai além de dois a três metros, nos campos da França chega a um máximo de seis, mas na Arábia — ainda aqui apontada como a pátria do café — atinge oito e dez metros; as suas folhas, de belo verde, agudas na ponta, onduladas na base; as flores, de perfume suave, que valeram à árvore o nome de "Jasminum arabicum", na classificação de Jussieu; aos frutos, de grãos duros e carnudos, envolvidos pela polpa gelatinosa.

Logo a seguir, anota Mangin que parece haver sido o viajante alemão Leonard Rauwolf o primeiro a fazer menção ao uso do café, na descrição de suas viagens ao Oriente. Menção, aliás, inexata — acentua logo em seguida — e que data de 1573 (1). Noções mais satisfatórias deu-as pouco depois Prosper Albin (2), que residu no Egito como adido de Embaixada. "Não pode restar dúvida é que o uso do café teve origem na Arábia e se expandiu dentre em pouco por todos os povos musulmanos". Mesmo proibido sob as penas mais severas, seja em nome da religião, seja em nome da política ("talvez porque as reuniões que se formavam em lugares públicos, com o fim ou sob o pretexto de saborear a bebida, causassem suspeita às autoridades"), ele foi ganhando terreno, vitoriosamente, até passar a substituir, entre os sectários de Mahomet, os licores fermentados proibidos pela religião do Profeta.

Registra Mangin, em seguida, que o café foi introduzido na Europa em meados do século XVII, pelos viajantes vindos do Oriente. Londres em 1652; em Marselha, em 1670; em Paris, em 1672. Mas — anota — desde 1664 havia, ao que se diz, gostoso café na corte da França. Alude à discussão verificada na Academia de Ciências, a propósito de cartas e notas atribuídas a Pascal, uma das quais, datada de 1652, fazendo menção ao café e à data exata de sua introdução na França, deu lugar a debates bastante curiosos. "Um ho-

mem de letras muito versado nestas coisas, Ed. Fournier, escreveu: "A primeira menção que se conhece, em Paris, sobre o uso do café está na "Muse dauphine", de 2 de dezembro de 1656, quatro anos depois da morte de Pascal". Outro escritor de grande erudição, M. P. Faugere, observou: "Não foi em 1669, como se diz, pouco mais ou menos sete anos depois da morte de Pascal, que Soliman-Aga, embaixador da Turquia junto a Luiz XIV, introduziu o uso do café na sociedade parisiense". Entretanto, M. Charles, membro da Academia e possuidor de cartas e notas atribuídas a Pascal, dizia: "Abra-se simplesmente o dicionário de Bouillet, e leia-se: "Usos-se o café pela primeira vez em Veneza em 1615; em Marselha, em 1654 (A "Nova Enciclopédia", de P. Leroux e Jean Reynaud, diz 1644). O viajante Thevenot (3) chegou a Paris em 1657; mas foi o embaixador turco Soliman-Aga que impôs a moda do café, em 1669". Como subsídio ao esclarecimento dessas dúvidas, Mangin invoca o testemunho — ainda hoje tão respeitado — de outro "erudito literato e antiquário", Dufour, "patriarca da cafebibliografia francesa", segundo Taunay (4), e que, nascido em 1622, manteve relações com os mais notáveis antiquários e viajantes de seu tempo. Em 1671, publicou Dufour a obra "De l'usage du café, du thé et du chocolat", reeditada com grandes alterações treze anos depois, sob o título "Traité nouveau et curieux du café, du thé et du chocolat". É desta última edição o trecho citado na obra de Mangin, e segundo o, qual foi o uso do café introduzido em residências particulares da França mais ou menos a partir de 1644; somente cerca de vinte e cinco anos após é que se começou a servir a infusão nas casas destinadas ao público.

Uma excelente ilustração litográfica mostra-nos Decieux a dividir com o cafeiro que lhe confiara Jussieu a sua mínguação ração de água, na viagem da metrópole para Martinica. Vejamos como o escritor francês refere o episódio da introdução da "coffea arabica" em terras da América: "Veneza foi a sementeira, durante longo tempo, a fornecedora de café a toda a Europa. Trazia-o do Egito e por ele se pagava um preço exorbitante. Os holandeses foram os primeiros a lhe fazer concorrência, não comprando o café aos árabes, mas cultivando-o em sua colônia de Java, o que deu ótimo resultado. Cerca de 1705, o burgo-mestre de Amsterdã ou o próprio "atathouder" das Províncias Unidas, não se pode saber ao certo, ofereceu a Luiz XIV um pé de café, que foi posto em uma das estufas do Jardim das Plantas. Embora cercado de todos os cuidados, e

A Continúa na pag. 10

SUMÁRIO

Artigos de Waldemar Lopes — Mário Sette — Joel Pontes — Abelardo Jurema — Romeu Negrão — Haroldo Bruno — Evaldo Coutinho e Aderbal Jurema. Conferências de Augusto Frederico Schmidt e Gilberto Oáorio de Andrade. Poema de Andrade Lima Filho. Contos de Valdeir Freire Lopes. Notícias de um livro inédito de Reportagem de Luiz Torres. Oliveira Lima. Desenhos de Clifford Webb — Sonren — Zuleno Pessoa. Fotografias de A. Bersin. Bibliografia — Tórnios — Mala dos Estados e do Estrangeiro.

Sob o patrocínio do Conselho Britânico do Brasil e do Instituto Nacional do Livro, realizou-se, recentemente, no Rio de Janeiro, a Exposição do Livro Inglês Contemporâneo. Entre os trabalhos apresentados, destacam-se as obras de alto valor gráfico e extraordinária beleza artística. A Golden Cockerel Press, por exemplo, expôs a primeira tradução, feita por Somerset de Chair, da obra medieval "First Crusade". Esse livro foi ilustrado por Clifford Webb, um dos maiores artistas ingleses, pintor e desenhista de singular talento. O "clichê" reproduz uma das expressivas ilustrações que aparecem em "First Crusade".

TÓPICOS



CERVANTES — (Único retrato foto em vida por Juan de Lau-rigul, em 1600)

Atualidade de Cervantes

Assinala um crítico espanhol que Miguel de Cervantes "tenderia que estar de muy buen humor para crear la insula Barataria e poner a Sancho a gobernarla..." E um outro crítico, o mexicano Arquêles Vela, escreveu recentemente que "Cervantes se debate contra la realidad; afronta la realidad de su época para vencerla o para someterse a sus designios". Ambos vêem em Don Miguel de Cervantes Saavedra o que o nosso grande romancista morto Raul Pompeia apontou certa vez em Don Quixote: — o símbolo do bem em luta contra as misérias do quotidiano.

No momento em que as nações do mundo inteiro, e em particular as nações de língua espanhola, comemoram o quarto centenário do nascimento do creador do "El Ingenioso Don Quixote de La Mancha" não faz mal nenhum que se medite no que representariam hoje os ideais cervantinos ou quixotescos. O Brasil, por exemplo, nesta fase de semelhança com a Barataria, ainda tem muitas lições a receber do "ingenioso hidalgo" e de seu fiel escudeiro... Porque se Don Quixote é o símbolo do bem, Sancho Pança representa a figura estilizada pelo barroco do bom senso eterno e universal. Se Don Quixote, "o cavaleiro da triste figura", elevava a vida ao plano da imaginação, ao invés de rebalar a imaginação às condições de vida que o cercava, Sancho, sem se deixar entontecer pela imaginação, antes se servia dela para melhor aplinar a vida.

Por toda essa sabedoria e graças a sua força de escritor que conquistou para os seus personagens queridos — Quixote, Sancho e Dulcinéa — foros de cidadania universal, as comemorações do quarto centenário de seu nascimento não devem

passar despercebidas de nós outros, os brasileiros.

Ainda agora continua boa, firme e valiosa a opinião de Menéndez y Pelayo de que "el genio de la novela había derramado sobre Cervantes todos sus dones, se había encarnado en él, y nunca se había mostrado más grande a los ojos de los mortales".

O menino nascido na povoação de Alcalá de Henares, em 1547, continua, em 1947, a nos iluminar com a perene juventude dos que nasceram genios. Nessa hora melancólica do mundo a única salvação está em Quixote. Ou agirmos como se fossemos algo de dons Quixotes ou calarmos no reino da Barataria sem termos, sequer, o humor de um novo Cervantes para nos dar um novo Sancho de matéria plástica.

Curso Popular

de Literatura Brasileira

Do Departamento de Informações de S. Paulo nos vem uma novidade digna do nosso apoio. Trata-se de um Curso Volante de História da Literatura Brasileira que o D. I. paulista está realizando no interior daquele Estado. 9 homens de letras, escreveram 9 conferências em linguagem simples e acessível ao grande público sobre a nossa evolução literária e agora estão indo de cidade em cidade, lendo-as para o povo. O "Curso Volante" obedece à seguinte ordem didática: 1.º período (Introdução-sec. XVI); 2.º período (Literatura Colonial); 3.º período (Literatura do Brasil); 4.º período (O Romantismo no Brasil); 5.º período (O Realismo no Brasil); 6.º período (O Modernismo no Brasil); 7.º período (A Poesia Modernista); 8.º período (O Teatro Brasileiro); 9.º período (Jornalismo e Elocuência); 10.º período (O Livro).

E uma iniciativa do governador Adenor de Barros que dá, assim, um magnífico exemplo aos colegas dos outros Estados do Brasil.

O General Juarez

Tavora luta pelo

Petróleo

A situação do sr. Juarez Tavora na vida brasileira é qualquer coisa de inédito para os nossos quadros políticos. As duas conferências que pronunciou, este ano, no Clube Mi-

tar, na cidade do Rio de Janeiro, sobre o problema petrolífero brasileiro devem ser lidas e meditadas por todos os brasileiros, sem distinção de cor partidária, condições de vida ou crença religiosa. O general brasileiro disse uma porção de admiráveis verdades sem demagogia e sem usar palavras cruzadas. Coragem digna de um discípulo de Alberto Torres ao enfrentar um problema que se está eternizando como problema.

Apela o general Juarez para todos os "brasileiros de boa vontade" no sentido de "que se interessem efetivamente, cada um na medida de suas possibilidades: primeiro — porque tenhamos uma Lei de Petróleo justa, prudente, sábia; segundo — para que tendo-a, esforcemo-nos por prestigiá-la e fazer com que todos — nacionais e estrangeiros — a respeitem". E ainda apela para que todos aqueles que começaram a batalha pelo petróleo brasileiro não ensaiem as suas armas e, como bons pelegadores, continuem a "empenhar-se na grande e nobre batalha da incorporação efetiva de nosso petróleo à economia nacional".

As conferências foram publicadas inaugurando a coleção "Cadernos da Atualidade", dirigida pelo sr. Carlos Lacerda, que começou muito bem. NORDESTE responde ao apelo da última página com estas palavras: — estamos com o general.

Artes plásticas



Rosa-Maria de Barros Carvalho (Auto-retrato)

1 — O Saldo deste ano, promovido pelo Estado, revelou ao público uma nova e forte personalidade de pintor. Chama-se Francisco Brennand que expôs pela primeira vez e conseguiu o primeiro prêmio com o seu quadro "Visão da Terra Santa". Brennand é um estreante de 21 anos, nascido no Recife, filho de tradicional família pernambucana e auto-didata. Marcaram os seus quadros a oleo uma grande força mística e uma tendência para um neoclassicismo post-modernista. Qualquer coisa de novo na pintura pernambucana destes últimos anos.

2 — Um outro artista pernambucano, o jovem pintor Rosa-Maria de Barros Carvalho, residente no Rio, passou este mês pelo Recife com des-

Um Francês Escreve Sobre o Café

(Continuação da 1.ª pag.)

arbusto não se desenvolvia. Era impiedoso cultivar o cafeeiro nas estufas, onde as plantas, abafadas pela falta de ar e sem suficientes condições de vida, não dispunham de espaço para crescer. Antoine de Jussieu logo viu que seria bem mais sensato removê-lo para um lugar onde encontrasse clima semelhante ao de sua pátria. Martinica pareceu-lhe oferecer as condições mais favoráveis a uma primeira experiência. Um jovem segundo-tenente amigo de Jussieu, o cavalheiro Declieux, partiu para aquela colônia. Confiou-lhe o botânico a mais vigorosa de suas mulas, recomendando-lhe todo o cuidado para a levar sã e salva a destino, e que, uma vez chegado, com ela fizesse como lhe parecesse mais conveniente. Declieux (5) prometeu velar pelo frágil arbusto como por uma criança doente. A travessia foi longa e penosa. A água faltava a bordo, tornando-se necessário racioná-la para cada homem, oficial ou marinheiro. O cafeeiro não estava compreendido na distribuição e teria morrido se Declieux, fiel à promessa, com ele não dividisse a sua ração pessoal.

Mangin refere, aliás, que, segundo alguns autores, Declieux teria recebido de Jussieu três pés de café, dois dos quais morreram na travessia; essa versão, entretanto, parece afastada, desde que o próprio oficial francês alude apenas a um, na famosa carta em que relata a sua difícil travessia de Nantes à ilha francesa das Antilhas, travessia em que lutou ainda com a inveja de um companheiro de viagem que, não conseguindo furtar-lhe a pequena muda, "certa vez mutilou-a, cortando-lhe um dos galhinhos". Esse gesto criminoso doeu cruelmente ao jovem capitão, que via em sua pequena planta uma frágil criança enferma, em que depositava todas as esperanças, e de que fazia as suas delícias, segundo palavras textuais da carta dirigida ao "Année Littéraire". "Como quer que seja" — anota Mangin — "só um pé de café chegou à Martinica e foi o pai comum de milhares de árvores que povoaram depois as vastas plantações das Antilhas e da América Meridional".

Seguem-se algumas indicações de técnica agrônômica sobre a cultura do cafeeiro: temperatura, natureza das terras, sementeira, tratamentos culturais, floração, colheita, secagem, beneficiamento. Logo adiante, Mangin informa: "No comércio, distinguem-se os cafés, conforme a sua procedência, num grande número de



Declieux e seu "pé de café"

espécies. O preferido é o café Moka, de pequenos grãos esverdeados, irregulares, às vezes alongados, às vezes arredondados. O Martinica e o Bourbon são geralmente usados na França, onde se costuma misturá-los. O Java ou Gonaive são menos apreciados. Consumem-se também cafés de Havana, de Jamaica, do Brasil, da Guiana, etc." (Anote-se que na época em que foi publicado o livro, em Paris, a exportação de café do Brasil já se elevava a cerca de três milhões de sacas (6)).

Arthur Mangin não esconde o apreço que

(Continua na pag. 12)



Burocracia da

inteligência

Há um mal maior do que a ausência do escritor. É tentar-se fazer do homem de letras um burocrata da inteligência. Por isso achamos oportuno e lícito o artigo do romancista José Lima do Rêgo sobre "direitos autorais", publicado no "O Jornal", do Rio.

Essa história de se querer ser escritor por força de lei é um absurdo igual ao de se impor ao escritor o tema a escrever.

O fato de termos escrito um livro não indica que somos escritores. E, se o publicamos e não obtemos sucesso, não podemos obrigá-lo a publicar o próximo. A força da lei, a realidade. O escritor não pode violentar o gosto do público. Cabe ao escritor, dono do poder da expressão, conquistar o leitor. Uma vez realizada essa conquista, ninguém mais interessado do que o próprio editor em que as edições não parem mais...

O texto é processo burocrático, é querer uma aposentadoria antes do tempo.

Reportagens sobre

problemas de base

"Nordeste" iniciará no seu próximo número uma série de reportagens sobre o que Teixeira de Freitas chamou mudacimento de "problemas de base do Brasil". Ouviremos sociólogos, economistas, cientistas e escritores em geral com uma única diretriz: — a de provocar a discussão e o estudo desses problemas, discussão e estudo sem a de partidários políticos de quaisquer espécies.

GILBERTO

FREYRE NA

D. N. U. — O

escritor e de

putado Gilber-

to Freyre, cuja

obra mais re-

cente — Inter-

pretação do

Brasil — ob-

teve entusias-

tica acolhida

por parte da

crítica brasi-

leira e ameri-

cana, acaba de

receber do sr.

Oswaldo Ara-

újo, presiden-

te da O. N. U.,

o honroso con-

vite para desem-

penhar o cargo de

Diretor do

Departamento

Cultural das A-

méricas, na qual

organização

universal destina-

da a manuten-

ção da paz e da

segurança en-

tre todos os

países do mun-

do. O ilustre so-

ciólogo, embora

sensibilizado

com a distin-

ção, reusou o

convite alegan-

do que a situa-

ção interna do

país exige a

colaboração e

a vigilância

de todos os

homens públi-

cos, particu-

larmente da-

queles que

representam

no Parlamen-

to Nacional a

vontade cons-

ciente de um

eleitorado

livre. Acres-

centou que,

somente por

motivos

excepcionais,

poderia abun-

dantemente

superar o

mandato de

deputado

federal que

lhe foi outor-

gado pelo

povo perna-

bucano, como

representante

da mocidade

das escolas,

para aceitar

um cargo

no estrange-

ro, por maior

que fosse a

importância

ou o rele-

vo desse

cargo. O au-

tor de So-

ciologia, que

se encontra

no Recife

licenciado

pela Câmara

Federal por

seis meses,

está ul-

timando

vários tra-

balhos de

grande im-

portância,

entre os

quais destaca-

mos a re-

visão de

Sobradinho

e Mucambo,

a sair em

nova edi-

ção, e a

conclusão

de Ordem

e Progresso,

um dos

estudos

mais deci-

sivos de

toda a

obra do

notável

mestre

brasileiro.



Gilberto Freyre



NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERIO S. A.

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 468

1.º andar — Recife — Pernambuco

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 3,00

Número atrasado Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.

REPRESENTANTES:

Estados Unidos (New York): Artur Coelho.

Rio de Janeiro: José Irineu Cabral

São Paulo: Aziz El-Hinnas

Alagoas: Araújo Costa

Bahia (Salvador): Livraria Souza

Parahyba (João Pessoa): Janson Guedes Cavalcanti

Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque

Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros

Conferência inaugural da série promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, em comemoração do quarto centenário do criador de "Dom Quixote de la Mancha".

I

Quatro séculos rolaram sobre o nascimento de D. Miguel de Cervantes Saavedra, quatro longos séculos, quatro séculos intensos e, nesses quatro séculos, quantos aires de que se não foram emergiram do mistério e se foram, do que sentiram, nada resta e nem um sinal, nem um traço, por menor que se estenda além da morte.

Quatro séculos e, nesses séculos, quantas guerras, quantas mudanças, quantos desses períodos e épocas que se sucederam, diferentes e numerosos, quantos seres humanos não tentaram dar forma e anseios, e idéias e naufragaram e se perderam. Quantos não foram poderosos e notáveis e deles ninguém se lembra! No pórtico desta frágil construção que vou tentando fazer, que me meço ao tempo, não abismo que consumiu tantos esforços e tentativas, sem proveito, pela expressão de algo novo, que o vento do tempo levou para sempre e eternamente. Vou para sempre e eternamente. E, portanto, Cervantes está aqui — quatro séculos depois e vive!

Não foi um poderoso, antes um pobre e tormentedo, um homem que conheceu dificuldades, que a quem, qual sombra insuperável, a pobreza, segundo o mundo, acompanhou por toda a vida. Como o seu personagem imortal, Cervantes também foi um fidalgo de modestíssima fortuna. Nasceu de pais intranquitos, perseguidos sempre pela necessidade de prover o pão do dia seguinte. Sua infância se passou em mudanças de cidade em mudança, sempre em busca de melhoria de sorte. E se estão certos os seus biógrafos, em sua casa, em casa de seu pai, Dom Rodrigo, se alugaram quartos e hospitais, de preferência a estrangeiros, para que a família pudesse atravessar as horas duras que eram suas tardes.

No entanto, dom Miguel de Cervantes cresceu e vingou. De tantas sementes atiradas na terra do espírito, durante esses quatro séculos — Cervantes é um das raras que vingaram. Entre tantos aires que se foram, depois de terem representado ao mundo um papel — o pai de Dom Quixote de La Mancha é um dos poucos nomes que a humanidade releve, graças a essa poderosa e clara ciência literária que, segundo um de seus biógrafos, ele aprendeu mais na vida do que nos livros.

Quatro séculos passaram e aqui estamos para honrar e louvar-lo; e, nesta hora mesma, em todas as partes cultas do mundo, sinais os mais diversos, falando as mais diversas línguas, saúdam também o nascimento de Alcalá de Henares, o humanismo Cervantes — o bom, o grande, o fidalgo pobre, o mutilado de guerra, o homem carregado de dívidas e o gênio tranquilo que soube sorrir neste vale de lágrimas e sorrir de suas próprias razões de chorar.

Que fez ele, que feitos realizou Cervantes para se distinguir de tal maneira, entre tantos mortais, que singularidades praticou no mundo efêmero, para alcançar glória perene e vida tão longa? Sem dúvida, foi valente guerreiro. Lutou contra os infiéis, recebeu, por muitos anos, golpes e duros sacrifícios, a ingratidão, o ódio e o desaparecimento. Mas, quantos não tiveram vidas semelhantes, quantos heróis anônimos, quantos tipicados e desenhados com o tempo não fustigaram e passaram?

A aventura cervantina é prodigiosa, porém, é uma aventura do espírito, que atinge a uma fonte desconhecida da alma humana. É uma aventura incomparável, que os séculos conhecem de raro em raro, é a aventura da paternidade do espírito. É que Cervantes, não sendo Deus, é Pai segundo o Espírito. Dele nasceram dois ares mortais, que seguem pelos ares, afora, do mundo, que não pertencem a nenhuma geração humana, e todas, e que em todas as mudanças e transformações por que vai passando o homem no mundo, se conservam sempre atuais, não diminuídas de interesse ou de vida, e por mais conhecidos que sejam, por mais estudados e analisados, guardam a sua definitiva importância, algo de incerto que é o próprio sinal de que não são, aliás, personagens literários, mas seres, criaturas que o espírito do homem cria, na mais estranha e nova aventura, que tem qualquer coisa de abstrato e terrível, que é a criação, a paternidade de si mesmo, a aventura de um homem que teve filhos e Deus tem o poder de transmitir.

Os eruditos, os mestres cervantinos, reclamam contra a atribuição excessiva ao D. Quixote de toda a glória de seu autor. Lembram outras produções nascidas da mesma pena. É certo que o ter escrito as Novelas Exemplares, ou os Persiles e Sigismunda, daria glória e permanência na história da literatura a qualquer autor. Mas é ao Engenho fidalgo Dom Quixote de la Mancha, que Cervantes deve a sua universalidade. É a esse livro, que é um modelo de equilíbrio, na sua naturalidade, uma construção prodigiosa e de riqueza incomparável que os engenhos Cervantes merecem esta vida, que se estende pelas portas da morte afora e continua, enquanto os homens fazem quixotes ou sanchos, ideologias e povos ideais que interessam e realistas, pobres ares consumidos pelas altas paixões, pelo eterno espírito da cavalaria andante, os cuidados de sua fazenda, das pequenas coisas da vida, das humilíssimas ambições. E por ter fixado os polos da alma humana e as suas dissemelhâncias fundamentais, mas que se reúnem em certos momentos supremos, é por ter sabido, palar sobre a própria decadência, sobre a sua decadência e a decadência da pátria quixotesca — que é tais quais me ouvindo.

Pégy separava o tempo em períodos e épocas. Os períodos são planícies — a vida flui, a terra dá os seus frutos num ritmo tranquilo; é Sanchos Pança inconstante, um Sanchos tal como o foi Cervantes, a vida salda, que exerce o governo do tempo. As épocas se colocam, porém, sob a inspiração do Quixote, o que vale dizer, sob a própria inspiração da aventura. Nas épocas é o horizonte que se torna sombrio, os moinhos se transformam em gigantes, as hospedarias sempre tranquilas mudam-se em teatro de episódios extraordinários, primeiras encantadas, sérios perversos, cavaleiros andantes, todo um mundo agitado e estranho povo e cruza paragens, antes adormecidas na calma, no sossego e na modorra quixotesca e provincial.

E o mundo é pervertido por um vento desvalido e forte, e as almas conhecem os grandes, os terríveis, os violentos e notáveis momentos da existência. As saldas quixotescas é que promovem as horas fecundas do mundo.

Por mais ilusórias que sejam as épocas deante do destino do homem e de suas idéias, sonhos e obras, nesta terra cujo destino é sempre e morte, e nas épocas que tudo é gerado, que tudo se forma e se precipita e que a vida humana atinge a sua plenitude.

Este quarto centenário de Cervantes é uma grande oportunidade de nos aproximarmos, não só do maior dos escritores de Espanha, como da sua estranha e imortal criatura, o Senhor D. Quixote de La Mancha.

D. Quixote e D. Miguel de Cervantes Saavedra se confundem e se equivalem. Autor e personagem, à luz dos conhecimentos cervantinos e, à medida que melhor os framos e sentimos, vão de tal modo se confundindo, que a história do Quixote é uma aventura, sofrimentos e enganos) parece-nos, por fim, uma espécie de auto-biografia, disimulada pela deformação caricaturesca, mas fiel, em tudo o que é essencial, em tudo o que está além dos guizos e dos arabescos que a singular loucura do Cavaleiro toma a forma e forma. Creio de nos aproximarmos, creio o seu Dom Quixote, mais para se rir de si mesmo do que para combater livres de cavalaria e seus males. Há no romance do Cavaleiro da Triste Figura, esse jeito, realmente, de quem, das suas ilusões, dos seus desconfortos, das suas fantasias, das ingratidões recebidas, está procurando se consolar e fugir pelas portas do riso. Daí, ao longo do processo do Quixote, essas temperaturas diversas, essas fases consecutivas e mudas. Primeiro, o tom desenvoltado burlesco. O personagem é uma máscara — um louco que as suas leituras envenenam. Cervantes desperdia Dom Quixote de La Mancha em Alonso Quijano, o bom, mas não parece saber de quem se trata. Dom Quixote provoca o grau de riso que é o da surpresa. Aos poucos, porém, o autor, e, com ele, os leitores, penetram (com o segundo D. Quixote) numa zona de indecisão. Já não se sabe bem porque é que se riu. E, por fim, o remorso de se rir. E, por fim, o remorso de se rir. E, por fim, o remorso de se rir. E, por fim, o remorso de se rir.

Dom Quixote e Cervantes — são duas imagens diferentes, mas um só ser verdadeiro. Essa íntima relação entre autor e personagem não diminui no Quixote o que nele realmente é mais precioso, ou seja, a sua independência, a vida própria, a nitidez de caráter, de movimentos e de vida. Sendo o mesmo Cervantes transportado para outro plano — D. Quixote recebeu do seu criador o sangue, a substância e o alimento, mas sua personalidade adquiriu algo de inconfundivelmente próprio, que já não é Cervantes, porque é o próprio Quixote. Revendo-se na sua criatura — e por isso, aplicando-se dela, há realmente no sorriso com que Cervantes brinca com o seu ideal, essa lágrima, que nele Victor Hugo soube ver, iluminando e humanizando o grande e desvalido cavaleiro.

Sainte-Beuve nega, porém, a existência de uma lágrima na

composição do Quixote; para o crítico admirável, mas tão temeroso de se deixar levar, tão pouco fantasista, tão excessivamente antiquitoso, essa lágrima está nos nossos olhos e não nos de Cervantes, que executou a sua obra-prima, tranquilamente, para se rir e combater a loucura, ao contrário, considerando Cervantes um dos benfeitores da humanidade, Sainte-Beuve pede-nos, apenas, a nós, leitores, comentadores e intérpretes do grande livro que o não mudamos excessivamente, que o não atulhamos demais com idéias estranhas e de tudo o que "le trop de réflexion serait tenté d'y mettre. Il est d'un si bon naturel! Com o perigo da enormidade — esse desejo de ser justo trai em Sainte-Beuve (sem dúvida o mais inteligente dos homens de letras), algo que pertence à natureza do próprio pensamento, estéril. O bom Sancho, transformado em crítico literário, naturalmente em formas tôcas e



Dom Quixote e Sancho

plebeia, teria o mesmo receio de se enganar, a mesma ideia fixa de não dar mais do que está ou parece estar na realidade, de não acrescentar nada além do que o autor desejou dizer no seu livro.

A lágrima que molhou o sorriso de Cervantes, a medida que ele foi configurando o seu pobre Cavaleiro Andante, existiu mesmo e nós sentimos a sua unidade — senão no primeiro Dom Quixote, pelo menos, no segundo — quer dizer, desde o momento em que o Autor compreendeu que transferia para o seu herói as muitas razões de rir de si mesmo, que lhe enchiam a lembrança, tão cheia de tristezas e enganosos episódios, de mau pago aos mais generosos sacrifícios, perigos e canseiras.

O desejo de Sainte-Beuve é que não se fale, à força de interpretações arbitrárias, talvez a única obra clara, feliz e equilibrada, a única obra saudável e alegre que a literatura nos deu, se excluímos a de Rabelais. A tendência, de modo que Dom Quixote ao saber das nossas naturezas é constante e viva. E quantas transformações não tem sofrido, realmente, o livro mais humano que já foi escrito. A verdade, porém, é que Victor Hugo, com a sua visão de poeta poderoso, embora destituído, como nenhum outro, de espírito crítico, via melhor, do que Sainte-Beuve, e que nenhuma grande obra humana é concebida sem lágrimas; é que não é possível se realizar algo de verdadeiro em torno deste "poco de inquietude" que é o homem sem a presença da lágrima, sem dúvida menos característica do que o

Augusto Frederico Schmidt

riso — mas tão mais natural, tão mais próxima do destino dos seres na terra.

O riso envolve o Dom Quixote até o momento em que se vão afirmando, pela constância, as qualidades do herói, o seu espírito de renúncia, a gravidade de seus propósitos e da sua natureza, a sua inalterável bondade, a sua nobreza total e a sua coragem — essa coragem de Dom Quixote — que, segundo Joubert, lhe perturbava o senso, como o temor perturbava aos outros. Mas, quando o Dom Quixote que vê, em toda a parte, inimigos a fugir, onde ele, o Cavaleiro, via gigantes a combater. Coragem, pobreza, renúncia a tudo que não é a Abolição, firmeza no Amor, firmeza em não aceitar o cotidiano, com as suas limitações, as suas mesquinhas, eis os traços essenciais, que constituem a loucura de Alonso Quijano. Ora, essas qualidades e preferências não são para rir, não são — se as examinarmos com olhos de ver, razões de riso, antes de lágrimas.

O que veste o Dom Quixote de claridade, que defende o grande livro de toda a amargura e de todo o ressentimento, é a força da bondade — que era a marca, e a vida e a qualidade que, em Cervantes, primava. Só o império dessa imensa bondade salvou de azeidões o nosso Dom Quixote. A fonte de onde surgiu a história do Cavaleiro era pura e genuína, a tal ponto, que, mesmo na composição de uma obra, que é uma espécie de bíblia da derrota, do fracasso, da servidão do ideal, o equilíbrio e a doçura não se deixam vencer, antes superam os numerosos motivos de desesperar e descer.

Rindo-se de si mesmo, Cervantes não reúne a esse riso nenhum fel — a saúde moral de Dom Quixote, o tempo de Cervantes, insinuou-lhe as primeiras aventuras, os primeiros gestos, as primeiras insanias do seu herói.

No segundo Dom Quixote tudo trai e demonstra que Cervantes não se irritou com seu personagem, cômico se tornara, aos poucos, obra de gênio, e que as suas caricaturas se haviam mudado em seres vivos e toda a paisagem e que toda a atmosfera do livro mergulhada estava numa luzterna, numa luz comovida, ao mesmo tempo alegre e cheia de ternura, de graça e, por vezes, de uma tristeza incomparável, sem fundo e desafiadora; Pégy, o poeta incomparável, sem o saber, incluiu-o entre os seus bemaventurados, quando cantou:

"Heureux les grands vaincus, les rois découronnés" ou ainda exatamente,

"Heureux les grands vaincus, les rois désabusés".

Dom Quixote é um rei. O que é mais impressionante é que ele é, verdadeiramente, um rei, de acausado e de alma — um rei vencido, um rei sem o tempo quem fazem perder a coroa continuamente. E' um Rei, o Rei dos Vencidos. Na sua aldeia, neza, lugar da Mancha, que não tem nome, porque preferiu o nome da história esquecer esse nome — nasceu um personagem real, quer dizer, um protetor, um justicador, um homem justo, um homem que não desleia o mundo a não ser como expressão de justiça, de amor e de beleza.

O que há de mais cômico, o que há, como elemento principal, provocador do riso, nesse romance, é a falta de meios para Alonso Quijano se tornar Dom Quixote. O que há de comédia de farsa na história do Quixote é que tudo é adverso ao herói, principalmente a sua pobreza. Tivesse Dom Quixote nascido num berço de reis, e mesmo o tempo estéril se tornaria dócil aos seus sonhos e os próprios encantamentos não seriam tão espantosamente inverossímeis. A loucura, por si mesma, uma porta aberta ao riso, mas a pobreza é a fonte e a origem desse riso. O que é espantoso na história de D. Quixote é que se trata de um fidalgo de família fidalga, de recursos limitados e medíocres. Alonso Quijano tem sua economia tão restrita que lhe foi necessário, para comprar os famosos arreios, vender a sua casa e envenenar tanto, vender as grunhas das suas poucas terras. O seu cavalo, que existe no livro e está ligado, eternamente, ao grave cavaleiro louco — é um cavalo de pouco trato e alimento, um bicho magro, verdadeira autêntica montaria de

pobre. Nada que pertence ao Dom Quixote fuge a essa pobreza, a essa humildade; as suas armas, as suas roupas, tudo o que tem, o que possui — se não é miserável, é extremamente modesto. Rico é ele, apenas, de sonhos, de aspirações, de fantasias, de ambições nobres, de coragem, de nobreza, de heróismo, de força de amar. E' dessa disparidade, dessa desigualdade que emerge, a atmosfera do nosso Sancho Quixote. Fosse a sua natureza forte, robusta, bem saída; tivesse ele, em vez de bacia de barbeiro, um verdadeiro elmo; dessem-lhe roupas resistentes de guerra, e o seu escudero o seguisse também, emparelhado e com a bolsa recheada de moedas, e leríamos o nosso herói bem diferente do que é, e da sua comadicação, só restaria o que à loucura melancólica pertence.

Pobre Quixote, tão pobre como o foi Cervantes, preso por dividas, perseguido, empregado e desprezado, tantas vezes, exilado, longe do tempo, mutilado de guerra, a quem tão pouca recompensa e paga foi dada por sacrifícios sem nome. Pobre Dom Quixote, que não se sabe se morreu, ou aumindo, não só a saúde do corpo e as energias da alma, mas os poucos bens, o periclitado limitado do mal do deixava viver na liberdade, mas a obra, a obra compunha a sombra da obra, das suas figuras domésticas que alguns comentadores não tratam com as devidas simpatias, mas quem jamais falou o herói do Doido, do grande Doido — que recolhia do bem que semeava pancadas e feridas maiores ainda no espírito abalado e ferido.

Como existem dois Páramos — o primeiro de uma linha mais simples, de uma paisagem mais limpa, de uma juventude mais forte e trágica, de uma firmeza maior no olhar o destino; e o segundo, mais substancial, mais vestido de nuances significativas, mais alimentado pela piedade e pela força cósmica a reparadora — assim, também, os dois Dom Quixotes se completam, mas não se confundem e mantêm a distância de um mundo.

O primeiro Dom Quixote, mais moço que o segundo de dez anos, é um livro mais vivo, mais movimentado, mais inocente no seu plano, mais aberto ao seu mundo, um livro escrito sem a consciência da sua extensão e da sua profundidade. A ideia de combater os romances que enloqueciam os homens no tempo de Cervantes, insinuou-lhe as primeiras aventuras, os primeiros gestos, as primeiras insanias do seu herói.

No segundo Dom Quixote tudo trai e demonstra que Cervantes não se irritou com seu personagem, cômico se tornara, aos poucos, obra de gênio, e que as suas caricaturas se haviam mudado em seres vivos e toda a paisagem e que toda a atmosfera do livro mergulhada estava numa luzterna, numa luz comovida, ao mesmo tempo alegre e cheia de ternura, de graça e, por vezes, de uma tristeza incomparável, sem fundo e desafiadora; Pégy, o poeta incomparável, sem o saber, incluiu-o entre os seus bemaventurados, quando cantou:

"Heureux les grands vaincus, les rois découronnés" ou ainda exatamente,

"Heureux les grands vaincus, les rois désabusés".

Dom Quixote é um rei. O que é mais impressionante é que ele é, verdadeiramente, um rei, de acausado e de alma — um rei vencido, um rei sem o tempo quem fazem perder a coroa continuamente. E' um Rei, o Rei dos Vencidos. Na sua aldeia, neza, lugar da Mancha, que não tem nome, porque preferiu o nome da história esquecer esse nome — nasceu um personagem real, quer dizer, um protetor, um justicador, um homem justo, um homem que não desleia o mundo a não ser como expressão de justiça, de amor e de beleza.

O que há de mais cômico, o que há, como elemento principal, provocador do riso, nesse romance, é a falta de meios para Alonso Quijano se tornar Dom Quixote. O que há de comédia de farsa na história do Quixote é que tudo é adverso ao herói, principalmente a sua pobreza. Tivesse Dom Quixote nascido num berço de reis, e mesmo o tempo estéril se tornaria dócil aos seus sonhos e os próprios encantamentos não seriam tão espantosamente inverossímeis. A loucura, por si mesma, uma porta aberta ao riso, mas a pobreza é a fonte e a origem desse riso. O que é espantoso na história de D. Quixote é que se trata de um fidalgo de família fidalga, de recursos limitados e medíocres. Alonso Quijano tem sua economia tão restrita que lhe foi necessário, para comprar os famosos arreios, vender a sua casa e envenenar tanto, vender as grunhas das suas poucas terras. O seu cavalo, que existe no livro e está ligado, eternamente, ao grave cavaleiro louco — é um cavalo de pouco trato e alimento, um bicho magro, verdadeira autêntica montaria de

Sua coragem é desproporcionada ao risco, está, assim, ativo para ir, com a sua fragor de homem sobre cujos ombros magros, os anos já pesam. Nada temendo, disposto a enfrentar os gigantes os homens de guerra e os demônios malignos e a zumbeteira, não raro, ou mesmo sempre, o nosso herói leva, a pior, recolhe feridas e maltratos das justas batalhas, provocadas, incutidas, e também, a vontade de servir, de salvar, de proteger os perseguidos, os sofredores, os necessitados de amparo, toda essa legião de infelizes, que é a legião da cavalaria andante socorrida.

Dom Quixote tem um destino definido. Não é um puro arrebatado. (Continua na pag. seguinte)

Sobre a destituição, o desengano, a servidão das nobres aspirações, a incompreensão e o desencanto — para o Sonho do Herói Cervantino; sobre todas as zombarias e ridículos, sobre todas as atitudes cômicas, sobre os erros do Personagem — reina a unidade espiritual de uma grande alma. Sobre um mundo mesquinho, devorado pelos desentendimentos, pela meia ciência e o relativo das coisas, flui

Cesário Verde e o Século XIX

JOEL PONTES

CERTOS escritores, enraizados no tempo, perdem toda a oportunidade, uma vez passados os acidentes próprios à sua época. Daí a tristeza de se folhear velhos catálogos, de livros e escritores do século XIX, que hoje nada significam para nós, mas que formaram o cortejo do sucesso, em circunstâncias passadas, umbilicalmente ligados aos acontecimentos, concepções estéticas e filosóficas de um determinado momento. O esquecimento atual desses que foram os grandes do século XIX não é mais apreciada pelo grosso público, quando vivos, serve como uma advertência aos improvisadores e aos ávidos do sucesso fácil. Neste sentido, seria muito bom que certos escritores de hoje encontrassem, de vez em quando, velhos catálogos para um exame de consciência e constatação da sinceridade dos seus processos artísticos. Esses escritores do século XIX não estão de todo esquecidos, não certo é que nenhum escritor passa sobre a terra sem deixar a sua marca de permanência, no sentido da experiência e do autoconhecimento do homem. Põe manuseio como advertência aos novos artistas, e como depositários do pensamento das escolas e dos homens do seu tempo. Mais ainda: como depositários de um modo de "sentir" a se expressar.

Outros escritores, porém, não esquecidos, porque a obra se esquivou à admiração de muitos, se aristocratiza no sentido da compreensão aprofundada da apreensão da temática poética. Outros, finalmente, mesmo enquadrados no "sentir" e na expressão do seu tempo, ainda que, por isso mesmo, ultrapassados) partem dessa relação temporária para a permanência na literatura, alguns porque viveram mais em profundidade do que em extensão, outros porque conseguiram captar dos dias o seu conteúdo eterno de beleza intemporal, ou melhor, supra temporal.

O poeta português Cesário Verde foi um desses em cujos versos transparece o cunho de eternidade superior ao tempo e às escolas, embora o cunho do tempo e as influências das escolas literárias marquem bem claramente a sua poesia. Nasceu em 1855 e faleceu em 1886, e quase desconhecido no Brasil, seu livro pode ser aquirado, pelo valor literário, pelas inclinações e motivos, ao dase outro poeta, mais conhecido e admirado que é António Nobre.

Percorrendo O Livro de Cesário Verde, (1946 Editorial A. L. Lisboa), avulta a constatação do homem ligado ao tempo e dessa ligação já se pode distinguir hoje o que o tempo corrompeu e o que permanecerá intangível, como a legítima poesia verdeana.

Antes de mais nada, podemos situar o poeta no tempo, aproximando-o de Eça de Queiroz, do romantismo e do parnasianismo. Talvez fosse melhor falar no espírito de Coimbra, e não particularizar no nome de Eça. Mas, tomando-se um exemplo mais preciso, no sentido da arte, menos disperso, o nome de um escritor tão ligado à ressonância coimbrã, como o foi Eça de Queiroz, poderemos tornar mais clara a participação espiritual de Cesário Verde na cauda racionalista do século XIX.

Não há um escritor português que exprima tão bem o século quanto Eça de Queiroz. Não só pela obra de romancista, mas também pelas suas patótes de homem, seus gostos, sua própria vida — o que levou Viana Moog a afirmar que com ele morreu o século. Eça foi do século XIX, não só por ter nascido e vivido antes de 1901, mas principalmente porque seguiu apaixonadamente as concepções dos filósofos e cientistas em voga, porque se fez parte integrante do pensamento da época, porque além das preferências e gostos do artista, todas as suas faculdades de homem o impulsionaram para a defesa e o aproveitamento do que ele chamaria "as primícias da civilização", acompanhadas de um desprezo irônico por todas as formas de passadismo, político, social, e até de roupas e maneiras, de que eram mostruários os libretos das suas comédias. Apesar disso, porém, às vezes traía-nos alguma força oculta, traziada através das gerações, e ele não pôde deixar de se enternecer com os antigos feitos portugueses,

com a fisionomia sempre a mesma das casas de Lisboa, com os camponeses e até com as comidinhas pratas nada requintadas, como o bacalhau de tebalada, ou a queijadilha de Cintra...

A mesma sensação de superioridade com que Eça fala nas queijadilhas, Cesário Verde sente diante da colheita das uvas para exportação. Em Eça, havia a exaltação do gourmet, em Cesário Verde a contemplação da fartura, o extasiamento orgulhoso e até o desprezo como em A Cidade e as Serras:

Todos os anos que frescor se exalta! Abundâncias felizes que eu [recordo]! Carradas brutas que iam para [bordo]! Vapores por aqui fazendo [escala]!

Uma alta parreira moceste! Por doce não servia para [lembrar]! Palácios que rodeiam Hyde-Park, Não conhecia esse divino mel!

Exalta-se, às vezes, chegando a transmutar a vitalidade das frutas para a própria vida portuguesa, acolhida de adjetivos:

Anglo-Saxónicos, tendes que [invejar]! Rios suicidas, compari-vos! [vosco]! Aqui tudo espontâneo, alegre, [tôco]! Facílmo, evidente, salutar! [Nós, pag. 133]

Cesário Verde, entretanto, não é um poeta a que se possa chamar bucólico. O seu campo tem a falsidade dos cromos e a mesma vida alegre, falsa e feliz dessas litografias de feira. Foi ao campo pela primeira vez ainda menino, fugindo ao Colégio que assaltava Lisboa. Desde então voltava todos os anos para gozar calmamente as suas férias. Daí, talvez, o tom contemplativo e pictórico desses poemas, em contraposição aos poemas que podemos chamar cidadãos, de auto-contemplação, sofrimento e amor. O campo, na poesia de Cesário Verde, é um derivativo, um descanso. O seu sentimento não é tanto pela calma das coisas, mas pelo con-

traste com a cidade, como o ideal e o real. Faz lembrar Unamuno: "El sentimiento de la Naturaleza, el amor inteligente a la vez que cordial, al campo, es uno de los más refinados productos de la civilización y la cultura" (Per Tietters de Portugal y España).

Cesário Verde encontra-se com Eça ainda e principalmente, nos poemas da vida social. Encontram-se naquele terreno — aliás, essencialmente poético — em que o autor pensa o personagem, quer dizer, na criação em seus dois momentos: a idealização e a consecução. Esse parentesco, vamos encontrá-lo em certas imagens, atitudes e motivos poéticos: Milady, que lembra pitidamente Maria Eduarda:

Eu ontem encontrá-la, quando [vinha], Britânica, e fazendo-me [assombrar]; Grande dama fatal, sempre [sossinha]. E com firmeza e música no [andar]! O seu olhar possui num jôgo [ardente], Um arcanjo e um demônio a [eliminá-lo]; Como um florete, fere [agradamente], E afaga como o pêlo de um [regalo]! [pag. 32]

Nos poemas que se aproximam mais do descritivo, nas atitudes ante os burgueses, os policiais violentos, ante a (Um) chuma de padres de [batina] E d'altos funcionários da [nação]. [pag. 61]

e no gosto das viagens pelos centros civilizados, que foi tanto de Eça como de Ramalho Ortigão ou Eduardo Prado, homens íntegros e caracteristicamente do século:

Batem os carros d'aluguer, ao [fundo], Levando à via férrea os que se [vão]. Folhetos! Ocorrem-me em revista exposições, países: Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburg, o mundo! [pag. 102]

E não somente nessas contemplações do campo ou nestes poemas da civilização. Apoiado de Eça um sentimento muito grave do que o mero conforto pessoal. É a leve tintura socialista que podemos encontrar nestes versos sobre os desempregados:

Tal como existem mercados Os feiras anualmente. Para comprarmos os gados, Assim há praça de gente Pelos domingos calados! [pag. 133]

Ou no contraste entre os calcetinhos da rua e a atriz "furtiva a tirar as suas peles" (72), como na ameaça da poesia inicial, ameaça originada no despeito de se ver desprezado por Milady:

Mas cuidado, Milady, não se [afofete], Que não de acabar os bárbaros [realza], E os povos humilhados pela [inoite], Para a vingança aguçam os [punhais]. E um dia, ô flor do Luxo, nas [estradas], Sob o cetim do Azul e as [andorinhas], Eu hei-de ver estar alocinadas, E arrastando farrapos — as [rainhas]! [33]

Seu interesse por Portugal, além da paisagem e vida campestre, é o mesmo da geração de dandys, higienicamente socialista, levemente irônica, isto é, pelo teatro, pelas belas mulheres, as coisas requintadas — a "cabecinha ornada à Rabagas", os "pós a marchada", o "almôço de Bruxelas", a "iluminação a gás", repetido em tantos poemas, passas de Málaga e Alicante, a chavena da China — todas essas coisas muito de Eça, de um Crail, ou Frade, por exemplo. Somente em uma ocasião o interesse pela vida de Portugal se aprofunda. Temos então estes versos, solenes e queixosos como as palavras do velho Afonso da Maia:

E que fazer se a geração decal! Se a seiva genealógica se gasta! Tudo empobrece! Extingue-se [uma casta]!

Morre o filho primeiro do juízo [lo tal]! [pag. 147]

Palavras que exprimem aquele mesmo desencanto que fez Miguel de Unamuno, em 1907 se referir aos portugueses como "um povo suicida". Todas essas coisas aproximam Eça e Cesário, ou melhor, integram os séculos XIX. Mas o que havia em Eça de combalivo, falta em Cesário. O poeta amava as coisas do seu tempo, sem violência, sem angústia, sentindo-se bem. Nada de palavras ou sentimentos grandiosos. Em certos versos, afirma que a vida não lhe interessa. Em outros, se debate no desejo de viver muito. De qualquer modo, nem uma nem a outra atitude têm importância para a poesia. Parece-me que muito mais importante é a contradição, caracterizando Cesário Verde como um poeta sempre insatisfeito. Insatisfeito até com a sua própria poesia, um eu de artista e uma posição de romântico. Não fora uma certa distinção na linguagem e no ritmo, poder-se-ia dizer que foi um poeta do quotidiano e paqu岸ado ignorante das paixões violentas...

Cesário Verde não pode, a rigor, ser classificado em determinada escola literária. Talvez fosse possível colocá-lo entre os românticos, mas o pudor dos grandes sentimentos e das palavras de efeito nem sempre o permite. Há, na sua poesia, círculos, cemitérios, amores e crimes e remorsos, até uma torre onde sofre uma mulher (Responso), mas acima de tudo isso, e com muito mais presença, um clima de ingenuidade e inocência que é marca pessoal e a salvação da poesia. Talvez fosse possível classificá-lo entre os parnasianos, com a ressalva da emoção presente, que no Brasil, como em Portugal fez os parnasianos tão aproximados do romantismo... Com efeito: no Livro de Cesário Verde encontramos poemas de características românticas e parnasianas, e até quatro enfeitados sob o título geral de Ecos do Realismo.

No poema Frígida, expressa a sua admiração por Balzac e Baudelaire. Em outros poemas, encontramos imagens e formas à António Nobre, e há um poema dedicado a João de Deus. Podemos encontrar sempre o culto à família, que foi de Eça de Queiroz, de Prudhomme. Mas em qualquer das tendências, a essência dos poemas é algo de muito pessoal e melancólico, muito superior às formas que o tempo desgastou. Esta essência nos é principalmente revelada pelo amor platônico e pela tristeza — essa constante da literatura portuguesa, desde as cantigas d'amigo. Cesário Verde se apaixona pelas belas mulheres, convidadas para o amor, mas elas todas são "de existência honesta, de cristal". Desejo desequilíbrio nasce o sofrimento e a capacidade de esquecer-se do sofrimento alheio. Nasce principalmente o individualismo que o leva a temer a multidão — quando a amada atravessa a rua — e ao insulamento destes versos:

Não me imagine um doído. Eu vivo como um monge. No bosque das fleições, ô grande [flor do Norte]! [pag. 93]

Era um encantado pelas mulheres, principalmente pelas cabelos das mulheres. Mas nunca se aproxima nem canta a alegria da posse; e sempre que se afasta de amor platônico entrega-se à piedade pelos humildes, um certo amor e ironia dista da vida. Entretanto, essa piedade não chega a ser o interesse pelos desgraçados, e muito menos a participação no sofrimento. É o olhar passivo e o sentimento de um minuto. Cesário Verde é por demais aristocrático para ir além do que permitam as conveniências e os ideais da época. Prefere voltar às amadas, ser desprezado outra vez, e suspirar desamparado:

E eu que daria um rei por cada [leu suspiro]! Prefere o sonho de uma mulher abstrata e ideal. Mulher sem

forma, quasi de esboço, que o leva a um poema onde todas as suas boas qualidades estão negadas de maneira mais completa: ô áridas Messalinas... Um poema típico do preconceito social, onde o individualismo atinge proporções nojentas. A esse poema falta tudo: a generosidade, a beleza, a compreensão, tudo. E aliás o ápice daquele sentimento egoísta que já no poema impossível se expressa assim:

Já vês, pois, que podemos viver [juntos], Nos mesmos aposentos confortáveis, Comer dos mesmos bolos e pre[sauntos], E rir dos miseráveis.

Versos assim, são tão chocantes na obra de Cesário Verde, e contrariam tão profundamente a maioria, que não vale a pena continuar falando sobre eles, quando a característica principal desse poeta é o culto da beleza: a beleza da mulher, do campo e do amor.

Não vale a pena, por isso mesmo, falar dos quatro poemas Ecos do Realismo. São os mais exteriorizados dos poemas de Cesário Verde e estão sempre às bordas da pláida, quando não são poemas-pláida — a forma mais fácil do desvirtuamento da poesia.

É preferível a apresentação do lado parnasiano de Cesário. Ali a vida sensorial se concentra nos olhos, e o poema é como um vasto mural composto de pequenos quadros, geralmente paisagens ou cenas do campo. E o que acontece com De Verão. O poema se inicia com um proleto e uma vulgaridade espantosas:

No campo, eu acho-nos a musa [que me anima]: A claridade, a robustez, a ação. Esta manhã sai com minha [prima], Em quem eu noto a mais [sincera estima] E a mais completa e séria [educação].

Daí por diante, cada estrofe é a idealização de um quadro, tudo bem no gosto parnasiano. Esta é a segunda estrofe:

Criança encantadora! Eu mal [leboço] o quadro Da lírica excursão d'intimidade. Não pinto a velha ermidã com [leu adro]; Sei só desenho de compasso e [lequadro], Respiro indústria, paz, salubridade.

Desfilam pelo poema os "bons ares", "boa luz", rios, ramagens, colinas, tudo quanto um parnasiano aproveitaria para a sua pintura. Somente para perturbar a impassibilidade de parnasiano, a presença da mulher e do amor:

E enfim calei-me. Os teus cabelos [brilham] moitos Luziam, com doçura honesta [mente].

Em meio a essa contradição de romantismo e parnasianismo, vulgaridade e pura poesia, inocência e maldade, egoísmo e piedade, Cesário Verde construiu a sua obra. Tendo morrido aos 31 anos, sem uma cristalização perfeita, não pode ser hoje um esquecido. Seu nome, em um velho catálogo, lembrará aos que o leram, muitos poemas, lembrará principalmente uns certos versos e algumas palavras.

Os versos são estes:

Ab! Ninguém entender que ao [meu olhar] Tudo tem curto espírito secreto! [pag. 138]

E estes outros:

Se eu não morresse, nunca! E [ternamente] Buscasse e conseguisse a perfeição das coisas! [pag. 109]

As palavras estão no prefácio do livro de Cesário Verde, e são do seu amigo Silva Pinto. Nelas, todo o mistério das coisas que não foram ditas, e a nossa impotência para compreendê-las. Silva Pinto diz apenas que "é indispensável ter conhecido intimamente Cesário Verde para conhecê-lo um pouco".

Recife, agosto de 1947.

Encontrado Um Livro Inédito De Oliveira Lima



Oliveira Lima

doso encontrou um livro manuscrito sobre a América Espanhola.

Sabedor das relações de amizade do sociólogo pernambucano com o historiador morto, o prof. Soares Cardoso apressou-se em comunicar o prelo achado ao autor de "Casa Grande & Senzala" que já está em entendimento com o editor José Olympio, do Rio, para a sua pronta publicação. Trata-se de um estudo interpretativo da América Espanhola escrito por Oliveira Lima nos Estados Unidos. Esse inédito do grande historiador pernambucano será um acontecimento de notável repercussão para a cultura americana.

ATUALIDADE DE OLIVEIRA LIMA

A propósito desse livro, inédito que NORDESTE revela ao país, podemos ainda informar que estão sendo reunidos pelo prof. Soares Cardoso os memoráveis artigos de polémica de Oliveira Lima que serão publicados em livro com uma introdução e notas do jornalista Aníbal Fernandes. Em seguida teremos uma reedição da obra de Oliveira Lima: "Pernambuco, seu desenvolvimento histórico, atualizado e anotado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Ambas as obras serão editadas pela José Olympio na "Coleção Documentos Brasileiros".

Continua, assim, o sociólogo pernambucano, pelas suas obras e pelo trabalho de atualização do pensamento de Oliveira Lima, a prestar relevantes serviços à cultura brasileira e a honrar a memória daquele grande pernambucano de Parnamirim e seu fraternal amigo.

LEIAM

Neste Numero:

"MALA DOS ESTADOS"

Informações e comentários

Gracia a uma informação gentilíssima do escritor Gilberto Freyre, NORDESTE noticia em primeira mão, para todo o Brasil, que foi encontrado um livro inédito do historiador pernambucano Oliveira Lima na Biblioteca da Universidade Católica de Washington.

A notícia extraordinária para a cultura brasileira foi comunicada ao sr. Gilberto Freyre pelo prof. Soares Cardoso, bibliotecário da Coleção Oliveira Lima, na Universidade Católica de Washington; entre os manuscritos de Oliveira Lima, doados àquela Universidade, o prof. Car-

As "Indústrias Royal", "Leaders" das Fábricas de Massas Alimentícias

✱

As "Indústrias ROYAL", à rua Real da Torre, 993 a 1013, inauguraram, em setembro, novas instalações com moderníssima maquinaria para fabricação de biscoitos de luxo.

As estamparias de embalagem do novo produto foram desenhadas por Lula Cardoso Ayres.



Flagrante da cantora Dircinha Batista quando ligava o 1.º cilindro reversível das 4 estampadoras de biscoitos. Linda Batista está ao lado.



As quatro estampadoras de biscoitos, motoriza das, com cilindros reversíveis e mesas móveis.

SOCIEDADE ANÔNIMA MAGALHÃES COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RUA DO APOLO Ns. 53/59

Filial do Recife — Pernambuco

COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DAS FIRMAS E PRODUTOS ABAIXO DISCRIMINADOS:

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, Inc — New York, U.S.A. — Lubrificantes "MOBILIL" e "GARGOYLE" — CIA DE SEGUROS DA BAHIA — CIA SIDERURGICA NACIONAL — INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY — Chicago — U.S.A. — Máquinas agrícolas e industriais — Tratores e acessórios "INTERNATIONAL" — AUTOMOVEIS "HILLMAN MINX" e "HUMBER" (Entrega imediata) — CAMINHOS "THORNYCROFT" — "COMMER" — "SCAMMELL" — (Entrega imediata) — CARROS DE ENTREGA "COMMER" e "SCAMMELL" — (Entrega imediata) — REBOQUES "DAF" — FOSTER INTERNATIONAL CORP. — New York — U.S.A.

MOTORES DE POPA "SCOTT ATWATER" — (Para entrega pronta) — WILTON TOOL MFG. COMPANY — Chicago — TORNOS DE PRECISÃO "WILTON" — JOY MANUFACTURING COMPANY — New York — U.S.A. — Máquinas perfuratricas em geral e acessórios — ECONOMY ENGINEERING COMPANY — Chicago — U.S.A. Elevadores de carga "ECONOMY" (Entrega pronta) — ANTONIO LAGO CERQUEIRA LTDA. — Amarante — Portugal — Vinhos da "CASA DA CALCADA" (Entrega pronta) — MARQUES, FERNANDES & OLIVEIRA, SUCOR LTDA. — Vila Nova de Gaia — Portugal — Vinhos tintos, verdes e licores (Entrega pronta) — VELAS "E. L. G." — Velas confeccionadas com "corundite" para automóveis, caminhões, motocicletas, aviões, motores marítimos, etc. — CARMOS S. A. DE MÁQUINAS E MATERIAL ELÉTRICO — SÃO PAULO — Motores e geradores "CARMOS" — INDÚSTRIAS REUNIDAS VERA CRUZ (A Magalhães Bastos & Cia. Ltda.) — Taubaté — SÃO PAULO — Tintas para todos os fins.

ESTIVAS EM GERAL, FERRAGENS, CUTELEARIAS, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MADEIRAS, LOUÇAS DE ALUMÍNIO E PÓ DE PEDRA, ETC.

DISTRIBUIDORES DO CIMENTO "POTY"

COTONIFÍCIO DA — TORRE S. A. —

CAPITAL REALIZADO POR AÇÕES: Cr\$ 50.000.000,00

Rua José Bonifácio, 944

Caixa Postal, 103

End. Teleg.: COBASI

Recife - Pernambuco

Telefone: 28.336

Adalberto Salsa

Diretor-presidente

George Batista da Silva

Diretor-vice-presidente

M. Batista da Silva

Diretor-secretário

Ernest Stott

Diretor-auxiliar

Fabricação esperada dos já afamados brins mercerizados de algodão e Uacima, que, pela sua perfeita confecção e ótimo acabamento, rivalizam com os similares estrangeiros

COMPANHIA ANTARTICA PAULISTA

PAULOTARIS e VITÓRIA, águas de mesa cuja qualidade rivaliza com as melhores do país PAULOTARIS e VITÓRIA como refrigerantes "GUARANÁ CHAMPAGNE", "LIMONADA EXTRA", gasosas e as afamadas cervejas "PILSENER" e "PILSEN EXTRA", devem ser as preferidas

COMPANHIA ANTARTICA PAULISTA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS E CONEXOS

Rua da Aurora, 1101 — Fone: 2321

RECIFE

— PERNAMBUCO



Chovia, uma chuvazinha fina e massante que ia fazendo desbotar o papel de seda multicôr das bandeirinhas do pátio da igreja. A vila como que diminuía, apertada entre os morros e o rio, as ruas intransitáveis, cobertas de lama. O calçamento veio mais tarde, somente para a rua principal, onde havia três ou quatro casas comerciais. O resto era barro, vermelho e escorregadio.

O coreto, armado na frente da estação, já pronto para receber os músicos, ficava cercado de lama. As barracas de jogos, iluminadas a lâmpadas de carboreto, armadas desde a véspera, esperavam as contribuições que lhe levariam os matutos, encanto a zabumba, espalhava pela rua toda o som sempre igual de seus instrumentos.

Só mais tarde o movimento aumentava: ia chegando gente dos sítios, calças arregaçadas até os joelhos, os sapatos nas mãos, amarrados pelos cadarços. E aos poucos a vila toda ia ficando cheia de vozes, que se modificavam pela alegria e pela cachucha. O carrocel rodava a noite inteira, sob os gritos de entusiasmo de uns e os

O NEGRO GARDINO

olhares invejosos de outros. Havia os que não se entusiasmassem pelo carrocel, nem pela "banda" que tocava no coreto, e nem mesmo pelo pau de sêbo colocado na frente da igreja. Também, com aquela chuva que parecia adinhar as festas, os dez mil reis que estavam lá no alto se tornavam inatingíveis. Os garotos preferiam divertir-se de outra maneira, embora sem possibilidade de lucro; e ficavam com pés descalços atolados na lama ou pregando com alfinetes de segurança os vestidos novos das matutas. Havia ainda os garotos afoitos que provocavam o Negro Gardino.

xxx

Gardino atravessava a estrada de ferro e seguia pela rua

estreita, tão estreita que ficava quase toda tomada pela trouxa que ele levava à cabeça. Não era, porém, roupa que ia dentro daqueles lençóis imundos; era só pedras, tijolos e pedaços de pau. As roupas Gardino levava no corpo. Gostava de vestir três ou quatro calças, umas sobre as outras, mas, mesmo assim, ainda aparecia, aqui e ali, pedaços da sua pele preta e lustrosa.

Indiferente às vaias, dava um ligeiro passeio pela vila, no seu passo largo e bamboleante, antes de se recolher ao "hotel", no caso, a plataforma da estação ou os bambús da margem do rio. Havia as que se divertiam a custa dele, mas eu sempre evitei os loucos, e era bastante saber da sua chegada para ficar em casa. Se saía, estava pronto para correr, assim ele aparecesse. Gardino foi sempre o "bicho papão" da minha

meninice, embora fosse um doído manso, se é que há doídos mansos. Estava em todas as festas, principalmente onde houvesse música. Não fazia questão de boa música. Era bastante que fizesse barulho.

Muitas vezes chegava à vila com antecedência, e acompanhava, pelos sítios, as zabumbas que iam pedir esmolas para as festas. Al fazia também a sua coleta. O Negro Gardino sabia reunir o útil ao agradável, pedindo esmolas ao som da música de que gostava tanto. Caminhava, assim, dezenas de quilômetros por dia, sem se afastar, entretanto, da trouxa que continha o seu "equipamento bélico". Foi assim que vi pela última vez. Soube depois da sua morte. Marrou de uma surra, dada por algum sub-delegado violento.

Dessa vez as pedras que carregava com tanto esforço não lhe serviram de defesa.

Dois Contos de Valdecir Freire Lopes

Imagens da Meninice

Eu devia ter doze anos e penso que era meio ridículo, nas minhas calças de fazenda grossa, bem largas e bem compridas. As da escola, curtas, de pano azul, eu não considerava roupa para homem, e as vestia meio encabulado, diminuído. Foras era um prazer ver-me livre delas.

xxx

A escola ficava na frente da estação, e, saindo da casa da minha tia, iamos lá pela mesma calçada, sem precisar atravessar a rua. Isso era vantajoso, pelo menos no inverno, quando a vila ficava quase intransitável, mesmo para quem usava botinas com "sola" de madeira, como "seu" Floro. Eu tinha enveja das botinas dele, bem grossas e bem feias. Com elas a gente podia pisar dentro d'água à vontade.

A nossa escola era mista, com todas as classes na mesma sala, como ainda devem ser as escolas do interior. Guardo algumas lembranças de colegas, mas não os fixo na mesma escola, nem na mesma sala. Misturo-os todos, homens e mulheres, como se os tivesse conhecido ao mesmo tempo, membros de uma mesma família. Vejo Pretinho, (chamava-se Benedito, mas não se importava que o chamássemos assim), em dias de festa pública, recitando um poema de Martha de Hollanda, eloquente, arrancando aplausos; Iracy, menina bonita, de olhos verdes, declamando uma poesia à bandeira; Zé Polícia, (usava uma farda caqui quando chegou à escola e nunca conseguia livrar-se desse apelido) espalhafatoso, contando a última surra que levava do pai,

mostrando mesmo os vergões que o galho de goiabeira lhe deixara. Tudo isso está misturado, às vezes confuso.

xxx

A vila contava apenas duas distrações: a passagem dos trens e o banho de rio. A primeira, eu assistia da calçada da loja de meu irmão, para onde ia depois da escola, com os olhos compridos, invejando os garotos da minha idade que, descalços, "morcegavam" o trem até a agulha, onde o maquinista começava a aumentar a velocidade. Os banhos de rio eram tomados mais ou menos às pressas, e muita vez a brincadeira de "bôto" interrompida no meio. Isso nos dias de semana, porque aos domingos o movimento da loja era grande, com a feira, e mesmo para



almoçar tínhamos que nos revez. Desde bem cedo ainda começava a arrumação das fazendas que deveriam ficar expostas às vistas dos fregueses; as mercadorias de maior saída, pesadas e enbrulhadas. E o movimento ia aumentando, num crescendo, até uma hora da tarde, quando começava a declinar, até a seia. A loja ficava em desordem, quase todas as prateleiras desarrumadas, camadas de barro acumuladas no chão de cimento. E vinha sempre uma outra semana, com outro domingo de feira.

xxx

Da calçada da loja, eu ficava a olhar as meninas brincando perto da estação. E o som de uma voz se destacava, firme, como que vindo diretamente para mim:

"O moreno é meu, não é de ninguém, — quem tiver enveja fuja assim também."

Era a voz de Seffrinha. Ela viera de Canhotinho, para a casa de uma prima, e morava lá perto da rua da palha. Era morena, gordinha, com olhos enormes e bem negros. Eu nunca havia namorado, mas sentia qualquer coisa por Seffrina (era assim o seu nome). Dava voltas à minha bola de 12 anos para encontrar uma maneira de lhe dizer isso. E' claro que lancei não das mesmas palavras usadas por todos os homens, de todas as idades, de todas as terras. Somente que dei à voz uma intonação menos imbecil, sem alterar a sua modulação natural e sem fazer uma cara boba. Devo é ter ficado vermelho, mas, como ela passou correndo pela calçada da loja, não fez mal. Foi também correndo que respondeu o sim. E estávamos namorando.

Porisso sua voz vinha diretamente pra mim, e era sempre aquilo que ela escolhia pa-

ra cantar nas brincadeiras de roda. Depois vinha o côro, umas vozes mais afinadas, outras menos:

"Na minha casa tem uma roseira
que bota flores no mês de maio.
— Entrai, entrai pela roseira,
fazei careta a quem não goste
e abraça, abraça a quem gostar
[mais]."

Vinha mesmo assim, sem preocupações gramaticais, espontânea, aquela cantiga de roda. E eu esperava que chegasse novamente a vez de Seffrinha cantar um novo verso.

xxx

Mudei-me, depois, para outra cidade, outro ambiente. Seffrinha teve muitos namorados, já rapazes, e, certamente, pela mesma rua, o som de sua voz amorosa se elevou, muitas vezes, levando para outros a cantiga que eu considerava minha.

Livros Nacionais e Estrangeiros

Literatura — Livros Escolares, Técnicos e Científicos

LIVRARIA DA

Companhia Editora Nacional

Rua da Imperatriz, 43 — Telefone 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO

II

Eis, portanto, o que era o chamado "Requerimento", lido pelos capitães conquistadores perante os índios, antes de se iniciar contra estes qualquer hostilidade: — um documento flagrantemente inspirado, pela sua justificação jurídica, nas bulas de Alexandre VI. Como acabava de ouvir, começava a proclamação por uma espécie de resumo do Génesis; pretendia, em seguida, explicar a dispersão das raças; noticiava ao gentio a instituição do papado e a sua investidura na soberania sobre "todas as terras e terra firme do oceano". Feito isto, anunciava a outorga de Alexandre VI aos Reis Católicos, o que se poderia provar à vista dos autos que traziam, e que debruçavam punhal a disposição dos índios, para serem examinados. E, como argumento convincente, o "Requerimento" aludia a outros povos, de outras ilhas, que já se tinham submetido à soberania de Espanha, conchitando os selvagens a seguirem o precedente aberto. Tudo quanto pretendiam os espanhóis, por conseguinte, era que lhes fossem reconhecidos os títulos de domínio e posse, e que se permitisse o exercício da catequese, submetendo-se o gentio, por incapaz de exercer soberania própria, à soberania d'el-rei de Castela. Senão o fizessem por bem, falo-lhe por mal, armando com todas as responsabilidades, não só materiais, do extermínio, do saque e das devastações, como também morais, pela guerra que se lhes faria, e que seria justa, inclusive para a imposição da fé cuja pregação teriam dificultado ou impedido.

Embora já anteriormente recomendado, aos capitães — Alonso de Hojeda é tido por João Francisco Lisboa como quem primeiro o fez perante os ameríndios —, foi pelas ordens de 17 de novembro de 1526, sob o reinado de Carlos V, que o "Requerimento" veio a ser, por fim, tornado obrigatório para todos os conquistadores. Já então, quando da discussão, no Conselho das Índias, travada em torno da legitimidade dessa proclamação, o presidente Loaysa, "movido pelos clamores daqueles para quem a conquista não estava sendo concedida de acordo com os princípios cristãos" (14), convocou uma sessão especial sob a presidência do Imperador, no palácio de Alhambra. A sessão dessa reunião dá-nos notícia de que já em 1513 os irmãos de São Paulo teriam protestado contra a maneira por que se exercia a conquista espanhola. Informa-nos, também, de que se fez referência a "um doutor" que, antes de 1526, contestara a legitimidade da conquista de terras aos índios sem justa causa, visto como estes "possuem suas terras pelo seu gentilismo". Quem seria esse jurista? Lewis Hanke presume tratar-se do doutor Palácios Rúbios, que teria sido enviado à América por Fernando e Isabel pouco depois do descobrimento, "com a incumbência de escrever um livro sobre o melhor sistema de governo para as Índias" (15). O tratado que a esse respeito Palácios escreveu depois de seu regresso a Sevilha em 1498, e que Bartolomeu de las Casas reclamava fosse impresso "para ajudar a causa dos índios", tanto pode ser o "De Insulis Oceanis", inédito, ainda hoje, na Biblioteca Nacional de Madrid, como o desaparecido "Tratado enforzado a los Indios a la Fe Católica", do qual não se têm vagas notícias. O fato, entretanto, é que da reunião do Alhambra resultou uma vez mais vencedor o antigo ponto de vista, advogado ardorosamente pelo doutor Martín Fernández de Enciso, cujo argumento vitorioso assim é resumido: — "Quando Deus criou a terra e tudo quanto existe em cima dela, fez homem a um ser racional com o conhecimento da distinção entre o bem e o mal. Portanto, se esses índios do novo mundo são idólatras, são, logo, constituição humana suficiente para que sejam conquistados, porque eles adoram

DOS TÍTULOS invocados pelos espanhóis para a conquista dos seus domínios coloniais na América e DA CONTESTAÇÃO que lhes foi oferecida, notadamente em Salamanca, pelo teólogo dominicano Francisco de Vitoria

GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE

muitos deuses, e não conhecem o verdadeiro Deus que os criou" (16).

Conseguido, assim, o princípio da incapacidade dos índios para se governarem e viverem em liberdade, o decreto de 1526, ou sejam as "Ordenações sobre descobrimentos e bom tratamento dos índios", fazia obrigatória a leitura do "Requerimento" perante os selvícolas, por meio de intérpretes e tantas vezes quantas fossem necessárias; mas também, e como evidenciando que chegara aos ouvidos do Imperador a notícia das atrocidades da conquista, determinava-se que dois eclesiásticos, aprovados pelo Conselho das Índias, deviam acompanhar cada expedição como parte regular da sua equipagem; esses religiosos estariam incumbidos não só de instruir o gentio em matéria religiosa, como igualmente de protegê-lo "da rapacidade e da crueldade dos Espanhóis" (17).

Convém-se, geralmente, em que poucas vezes, em verdade, os capitães cumpriram a provisão das "Ordenações" que determinava a leitura do "Requerimento", antes de se encetar qualquer ação de guerra contra os índios. Dir-se-ia que o contacto dos conquistadores com esses povos primitivos convenciam-nos da inutilidade de tal intimidação, cujos fundamentos teológicos, princípios e arrazoados jurídicos eram naturalmente ininteligíveis ao gentio. Já os doutores teólogos moralistas das Universidades espanholas, que conheciam o ameríndio apenas de notícias, e empenhados todos em justificar os direitos do Imperador sobre as terras descobertas, podiam-se dar ao luxo de locubrar fórmulas legais de aprensão, autos de posse, intimações e "requerimentos" destinados ao hugre, e elaborados como se o fossem para serem ouvidos por gente não alheia às concepções correntes sobre soberania, títulos de propriedade e outras sutilezas. Há notícias, porém, do cumprimento da lei de 1526. Refere Hanke que, em Guatemala, si pelo ano de 1530, o capitão Francisco de Orduña e o tesoureiro, Francisco de Castellanos, tendo observado as formalidades legais perante os índios de Ustapán, estes ficaram indiferentes ao Requerimento, segundo informa Herrera, o que levou os espanhóis a entrarem pelo território fazendo-lhes todo o mal que puderam e escravizando-os para o fim, disseram, de pacíficos mas depressa. Em Nova-Espanha, no encetar a conquista a que vinha, o capitão Nuño de Guzmán fez ouvir de mercaderes aos escríptos dos eclesiásticos que, por força da Ordenação de 1526, o acompanhavam; insistindo pela ação pronta e violenta contra a indiada, Guzmán fez ler, todavia, previamente, o "Requerimento", e ato contínuo moveu guerra de escravização. Em 1531, de volta à Espanha, foram instauradas, por denúncia dos irmãos da expedição, as que, parece, investigações oficiais sobre a atitude de Guzmán, pretendendo este justificar-se, nos termos do próprio "Requerimento", com a alegação de que, tendo-o feito proclamar, não lhe deram atenção os chimecas, que além de tudo eram idólatras. Travadas as discussões sobre o caso, aconteceu que dois dentre os padres conquistados, no México, freis Reginaldo de Morales e Vicente de Santa Maria, levantaram uma

preliminar quase revolucionária, divergindo do parecer dos demais teólogos interessados na polémica. "Os infelizes — afirmavam eles — deviam gozar tanto a posse das terras como a jurisdição sobre elas, e nenhum cristão, nem mesmo o Papa, podia com justiça despojá-los delas em virtude de sua infidelidade" (18). Tudo quanto Morales e Santa Maria justificavam era que, visto como os índios viviam pela lei natural, e portanto deviam ser castigados se transgrediam essa lei da natureza, tinha o Papa o direito de puni-los se acaso eles impedissem a propagação da fé; logo, se o "Requerimento" fôra devidamente feito, "a guerra era justa e devia ser continuada" (19).

Referindo esses fatos, Lewis Hanke sublinha como, um ano antes, Francisco de Vitoria pronunciava, na Universidade de Salamanca, as suas famosas "Relecciones de Indis". Tratava-se duma incidência naquele erro de datas denunciado pelo padre Vicente Beltrán de Heredia (20), e consistente em dar como pronunciada em 1532 a relección "De Indis", na realidade datada de meados de 1539? Para quem se interesse pela influência, aliás considerável (21), exercida pelo notável teólogo e pregador dominicano sobre as doutrinas jurídicas e morais dos séculos XVI e XVII, e ainda depois, a questão há de ter o seu sabor. Aqui, mencionaremos, apenas, que, embora somente em 1539 Vitoria tenha pronunciado as suas duas relecciones "De Indis" e "De iure belli", as idéias que nelas se especulam já haviam sido enunciadas cerca de dois anos antes, quando da relección "De Temperantia", onde chegou a formular, na questão quinta da primeira parte, a dúvida de "se os princípios cristãos podem fazer a guerra por sua própria autoridade aos povos bárbaros que, como sucede na província de Iucatá, fazem sacrificios humanos e comem carne humana" (23). Uma celeuma de protestos começou a se fazer ouvir depois dessa inesperada audácia de Francisco de Vitoria. Juristas e doutores em cânones, como em geral todas as pessoas, que, na Espanha, tinham interesse na conquista, puseram-se de logo a protestar. Isso levou o dominicano a escolher para tema da sua próxima relección em Salamanca precisamente o desenvolvimento das suas dúvidas sobre a legitimidade dos procedimentos espanhóis em relação aos países conquistados. Mas da dissertação "De Indis" ainda nos ocuparemos depois.

Há, todavia, uma outra relección do catedrático de teologia moral, bem anterior, produzida em fins de 1532, onde já se precisa a sua contestação acerca dos títulos de soberania resultantes de outorga papal. É a primeira relección "De potestate Ecclesiae", em cuja questão quarta, depois de estudar "a existência, os efeitos do poder eclesiástico e que jure sit introducta", Vitoria "assinala o campo e as atribuições de ambos os poderes (o civil e o eclesiástico) deduzindo-o do seu respectivo fim. Não há subordinação de poderes senão em quanto o exige a subordinação de fins. Papa non est dominus orbis". E da soberania universal do pontífice, declara ousadamente: — "os gloriadores do Direito presenteariam o Papa com esse domínio, sendo eles pobres de haveres e

de doutrina" (Glossatores Juris hoc dominium dederunt Papae, cum ipsi essent pauperes rebus et doctrina) (23).

Dois anos depois disto, vamos encontrar o teólogo basco numa fase de irritação das suas idéias; numa sua carta ao padre Miguel de Arcos declara que as notícias que tem do Perú gelam-lhe o sangue no corpo. E prossegue: — "Primeiro que tudo, eu não entendo a justiça daquela guerra. Nem discutir, se o Imperador pode conquistar as Índias, pois presumo que o pode fazer estritamente. Porém, pelo que tenho ouvido dos mesmos que estiveram na última batalha contra Tabalipa, nunca Tabalipa nem os seus tinham feito qualquer agravo aos cristãos nem qualquer outra coisa por que se lhes devesse fazer guerra". "Ainda que o Imperador tenha justos títulos para conquistá-los, os índios não o sabem nem podem sabê-lo". E mesmo que se suponha ser a guerra justa da parte dos hespanhóis — admite Vitoria — tudo quanto a estes competiria fazer era "anestiar os índios e compeli-los a que recebam por príncipe o Imperador", mas isso à custa do menor dano possível, e não como o "roubado e delatado a perder tudo quanto se refere aos seus bens temporais". "Se eu desejasse muito o arcebispo de Toledo, que está vago, e não tivesse de dar para que eu reconhecesse ou afirmasse a inocência desses peruleros, sem dúvida que eu não ousaria fazê-lo". "Resta o remédio da composição. Item clamor dos zelosos da fé e do Papa, que ousa pôr em dúvida o que o Papa concede. An nullo non licet negare quod nescio? (Cícero). Não o percebe" (24).

A pública refutação de Vitoria aos títulos do Imperador não impediu Carlos V de, por vezes, consultá-lo sobre coisas da América relacionadas com a cristianização dos selvagens, principalmente no tocante ao batismo, que, no entender de Bartolomeu de las Casas, Vitoria e outros, não deveria ser ministrado aos índios adultos senão quando "estejam suficientemente instruídos, não somente na fé, como também nos costumes cristãos, pelo menos no que for necessário à salvação" (25). Contudo, e se bem que se não possa identificar especialmente o grande dominicano entre os que foram alvo da imperial repressão, Carlos V dirigiu, em 1539, ao prior de Santo Estêvão, uma carta reclamando contra mestres religiosos que andavam discutindo publicamente os direitos de Espanha às Índias, Ilhas e Terra Firme do mar oceano.

E tempo, agora, de tentarmos um resumo final da contestação dos títulos invocados pelos espanhóis para a dominação do Novo Mundo, tal como se procede na relección "De Indis".

Preliminarmente o teólogo observa: — "Este é tema mais para ser considerado pelos teólogos do que pelos juristas, porque as fontes por estes utilizadas não são de direito humano, e aqueles bárbaros não estão sujeitos às leis que os juristas das suas alegações. A questão é de direito divino, não de direito humano, não de competência aos teólogos" (26). Um dos títulos apresentados como legítimos, e refutados por Vitoria, é o de que "o Imperador é dono do mundo e, por

consequente, pode apoderar-se das Índias". Tanto este, quanto a alegação de que "o Papa é senhor do mundo e pode delegar ao Imperador o poder de fazer efetivo esse domínio", contestados o dominicano, considerando-os insuficientes, porquanto não há um verdadeiro domínio por parte do Imperador nem por parte do Papa. O sétimo título alegado seria o de que os espanhóis possuíam as Índias por doação especial de Deus, "como foi feito relativamente aos gentios, dando-se ao povo de Israel o direito de conquistá-los"; a esse retruca Vitoria que, da doação consignada na Bíblia, não constam os espanhóis como donatários... O terceiro refere-se ao jus inventiónis, ao direito conferido pelo descobrimento, ou pelo achado, ao que responde Vitoria: — "Sicut si ipsi invenissent nos". O quarto título estaria legitimado pelo fato de resistirem os índios a admitir a fé; objecta o teólogo, porém, que isso não vem a ser sequer um pecado, dado que os selvagens, ao que sabia ele, estavam numa situação de ignorância completa, e ainda mesmo depois de se lhes anunciar o Evangelho não se poderia exigir que, a uma primeira pregação, tivessem obrigação de abraçar a fé. O fato de cometerem pecados contra a natureza, invocado como quinto título, não os deixa incapazes de adquirir e de possuir; e Vitoria acrescenta que também se cometiam pecados contra a natureza na Espanha e na França, sem que qualquer dessas nações se sentisse por isso autorizada a guerrear e conquistar a outra... Um outro título seria, por fim, o de que os índios poderiam aceitar livremente a soberania do Imperador; mas contra essa escolha voluntária argumenta Vitoria: a que pudessem resultar da leitura dos "Requerimentos", sempre estaria gravada pelas intimidações, ameaças e coações potenciais que em tal proclamação, como já vimos, se continham.

Quais os títulos legítimos, então, para a conquista? 1.º — A negação, aos espanhóis, dos direitos decorrentes da comunidade natural, da sociedade humana; impedidos de percorrer as províncias, de comerciar livremente, de desfrutar, como hóspedes, as coisas comuns a nacionais e estrangeiros, ou de adquirir, quando nascidos ali, os direitos de cidadania indígena com as faculdades anexas, — nesse caso aos espanhóis caberia o direito de fazer a guerra, inclusive de exercer o jus occupandi. 2.º — O mesmo se justificaria acaso os índios se opusessem pela força à pregação do Evangelho; caso em que, tendo o Papa, como lhe é lícito, adjudicado a uma nação qualquer a missão de propagar o cristianismo, poderia essa nação obrigar pela força o gentio a aceitar os missionários e a não hostilizá-los; e aqui adverte Vitoria que os meios violentos tem antes a virtude de engorpear a difusão da fé do que de ajudá-la, pelo que recomenda que o exercício desse direito só deveria ter lugar em caso extremo. 3.º — Também se justificariam os procedimentos de guerra e de conquistas contra os convertidos. 4.º — Igualmente contra os potentes que, conservando-se infelizes, mantivessem como súditos a índios conversos; nessa hipótese, qualquer príncipe cristão poderá receber in-

tribuição do Papa para subtraí-los ao domínio daqueles. 5.º — As práticas tirânicas, como a dos sacrificios humanos, também seriam razão suficiente para a intervenção dos espanhóis, em nome das próprias leis da humanidade. 6.º — A conquista e imposição de soberania por livre escolha do povo conquistado, contanto que tal escolha fosse voluntária e verdadeira. 7.º — A conquista legítima em que os espanhóis agissem como aliados de outros povos que lhes tivessem pedido auxílio contra inimigos vizinhos. 8.º — Se os povos conquistados fossem realmente incapazes de governar-se por si mesmos, o que Vitoria põe em dúvida.

Não importa que em 1697, quase no limiar, portanto, do século XVIII, ainda um certo capitão Martin de Urbiá e Arismendi fizesse ler ao rei Canela, dos índios itza, em Guatemala, o teor do "Requerimento" antes de encetar contra eles a guerra de extermínio e de escravidão. Esse retardatário das Ordenações de 1526 sobrevivera de muito até mesmo à revogação da famosa lei, tanto que em 1542, com as chamadas Novas Leyes de Indias, já o Imperador estabelecia que "doravante nem por motivo de guerra nem por qualquer outra causa, ainda que seja a título de rebelião, nem por resgate nem de qualquer outra maneira pode um índio ser escravizado, e nós desejamos que os índios sejam tratados como nossos próprios vassallos da coroa de Castela, porque eles de fato o são" (27).

A questão da escravatura do gentio, se bem que a tenhamos tratado, até aqui, como assunto colateral do que escolhemos, faria já a um estudo à parte. Não esqueçamos, porém, de consignar o fato de, ainda quando Francisco de Vitoria regia os seus sensacionais cursos de Teologia moral na Universidade de Salamanca, ter o Papa Paulo III denunciado pela bula "Universalis Christi fideles", de 9 de junho de 1537, o crime de serem os índios "tratados como brutos e havidos por inibéis para a fé católica", tanto que "sob a capa de que eram incapazes de recebê-la, os reduziam e punham em dura servidão, tanto extremo que ainda aquela em que traziam as suas bestas, não lhe era comparável; afugitando-os e oprimindo-os em obra tudo — prosseguia o Santo Padre — do comum inimigo do gênero humano, que sugeria estas doutrinas e procedimentos a ministros seus, por onde se impedissem a propagação da fé por todas as gentes sem exceção, porque todos são igualmente capazes para a receber". Assim era que "determinava e declarava por autoridade apostólica, que os índios eram verdadeiros homens como os mais, e não só capazes da fé de Cristo, senão propensos a ela, sendo chegara a seu conhecimento; e sendo assim, tinham todo o direito à sua liberdade, da qual não podiam nem deviam ser privados, e tão pouco do domínio dos seus bens, sendo-lhes livre lográ-los e folgar com eles, como melhor lhes parecesse, dado mesmo que ainda não estivessem convertidos. Pelo que os ditos índios, e mais gentes só haviam de atrair e convidar à fé de Cristo com a pregação da palavra divina, e com o exemplo da boa vida, sendo íntro, vido, nulo, sem valor nem firmeza, todo o obrado em contrário" (28).

Alí tendes, numa apressada digressão, quais e como se contestaram os títulos em que se pretenderam estribar os conquistadores espanhóis da América nos séculos XV e XVI. Inequivocamente deve-se ao teólogo de Salamanca a primeira articulação dos argumentos mercê dos quais puderam ser refutados. Nos termos em que estavam primitivamente enunciados, faziam-se contudentes inclusive aos próprios princípios cristãos, tal como o denunciou Paulo III, e antes e depois dele, uma porção de clérigos espanhóis. Do reflexo das idéias de Francisco de

(Continua na pag. 12)

FALAM os EDITORES

15 Anos De Literatura

UM NOVO ROMANCE
DE JOSÉ LINS DO REGO

FALAM os CRÍTICOS

"Diário Intimo de Amiel"

O "Diário Intimo" é reconhecido pela crítica internacional como um dos livros que melhor documenta a inquietação espiritual e a desordem moral da geração chegada à maturidade após o primeiro período do Romantismo, com a revolução de 1848.

Renan, Brunetière e, mais tarde Bouget, foram os primeiros a apontar o valor excepcional deste livro, que, desde logo, assumiu uma posição de relevo entre os documentos morais e obras literárias mais importantes da segunda metade do século passado.

O contraste fundamental do caráter de Amiel, o ecletismo atormentado do seu pensamento, a afanosa procura espiritual em todas as direções, a angústia do descaimento e o orgulho doloroso do isolamento, tudo está retratado nestas páginas palpantes de vida e, por vezes, iluminadas de alta poesia.

E tudo isto nos dá a imagem perfeita de um "filho do século", talvez, segundo afirma Valéry, com maior clareza, de modo mais essencial e universal do que a própria obra de um Renan.

(Aba do livro "Diário Intimo" — Amiel — Trad. de Mário D. Ferreira dos Santos — edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1947)

As Ligações Perigosas, romance de Choderlos de Laclos.

"As Ligações Perigosas" são

um romance de análise psicológica, de profunda sondagem do coração humano. Não sabemos de outras páginas mais densas, e ao mesmo tempo mais pessimistas e trágicas, sobre os ignorantes recantos da alma humana em suas tortuosidades, suas baixezas, suas misérias. Neste romance, a natureza humana torna o ar quase irrespirável, e isto sem nenhuma parcialidade do escritor. Laclos, ao esboçar o caráter das suas personagens — e viciosas e pervervas são afinal todas elas — não procurou realçar-lhes as virtudes preventivas existentes nem exagerar-lhes a baixez da alma. Embora procurasse, mais tarde, explorar um possível aspecto moral no seu livro, na verdade seu espírito de analista frio e objetivo impunha-lhe uma atitude diferente: o homem e o mal seriam entidades inexistentes ambas, pelo menos para Laclos romancista, o Laclos que usava como epígrafe de seu livro a frase de Rousseau: "J'ai vu les mœurs de mon temps, et j'ai publié ces Lettres". Apesar disso, no entanto ficou ao romance a fama de manual de devassidão, de libertinagem, de corrupção, como se não houvesse no livro, ao contrário de um ambiente de galanteria e de luxo, de palavra e ato mais livre, o mais sombrio e o mais pessimista de todos os retratos da miserável condição humana." W.D.

(Aba do romance "As Ligações Perigosas" — Choderlos de Laclos — Trad. de Osório Borba — Edição da Livraria José Olympio — Rio, 1947)

Falam os Poetas

OS POETAS E A PINTURA

"Os poetas e escritores têm sido satirizados nos últimos anos por se envolverem demasiadamente em assunto de artes plásticas. Tal atitude parece-me injusta e partindo duma falsa compreensão do problema da cultura. O fenômeno artístico tem de ser examinado no seu plano de unidade. Seria absurdo isolar a pintura e fazer dela um campo de estudo — observação própria somente dos pintores. A pintura não pertence apenas aos pintores, pertence a toda a humanidade. De resto, quando um pintor termina um quadro não é mais seu: como ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, ninguém olha da duas maneiras iguais o mesmo quadro. Um quadro é recriado inúmeras vezes e antes de começar na tela passou por uma vasta série de operações de crivo, feitas no espírito do pintor.

Os pintores e os poetas, como todos os outros artistas, — como todos os outros homens — devem dar-se as mãos, devem se aproximar e produzir um esforço de penetração e compreensão mútua.

Não é exato que os poetas se interessam apenas pelo aspecto literário da pintura. Existem hoje muitos poetas que as-

tem que a primeira virtude de um quadro é o seu valor plástico. Mas é exato que os chefes do movimento surrealista combatem esta concepção, devido à necessidade de coerência com a sua doutrina. Convinhamos entretanto que os críticos surrealistas não representem toda a literatura. Os surrealistas sentem-me interessados pela pintura surrealista como criadora de uma atmosfera poética, excitante para a imaginação.

(Muriel Mendes — Trecho de artigo — "A Manhã" — Rio, 12-X-1947)

RIMBAUD

"Muitas vezes Rimbaud esteve muito próximo da verdade divina, entretanto não chegou jamais atingi-la.

Durante sua curta e atormentada existência, sentiu profundamente que a desventura existe no âmago de todas as coisas, como finalidade suprema da natureza. Mas não soube distinguir o que nessa desventura existe de vontade de Deus. Daí o seu intenso desespero. Melhor do que alcançar, Rimbaud devia conhecer já o significado oculto das horas de prazer e de dor que passam implacavelmente sobre todos os habitantes desta nossa triste "cité charnelle".

Esse jovem poeta, que foi um dos momentos eternos da poesia, sentiu-se muitas vezes realçar seu orgulho e sua vontade tenaz, como uma força quase desfeita, como uma força desafiada, quase contra uma ausência.

Rimbaud foi um aventureiro que acabou por buscar unicamente a fortuna. Desprezou a poesia como um rei capotamente abandonando para sempre o seu mais esplêndido país. Entretanto seu fracasso em relação à fortuna não nos deve surpreender.

(Tomás Seixas — Trecho de artigo — "Jornal do Comércio" — Recife, 24-8-1947)



José Lins do Rego

dos seus moleques, dos seus bandidos. E foi assim em busca de outros ares, deixou o mundo rural pelo mundo urbano, penetrou na alma de outros semelhantes. Purca foi a primeira etapa dessa nova viagem. Já ficavam para trás as imagens dos canaviais extensos, dos homens rudes lidando com

(Continua na pag. 1)

O LIVRO do MÊS

COLEÇÃO MENINA E MOÇA.
DA JOSE OLYMPIO

A renovação por que passou a "Coleção Menina e Moça", da Livraria José Olympio, merece um registro especial. Por isso a seção "O Livro do Mês", de NORDESTE, dedica a crônica deste número a essa coleção que se destina às jovens que estão "naquela idade inquieta e duvidosa que não é dia claro e já o alvorecer; Entre-aberto botão, entre-fechada rosa; Um pouco de menina e um pouco de mulher", das versos admiráveis do nosso Machado.

Entre os 10 e 16 anos, as meninas brasileiras ou ficaram nas histórias da Carochinha ou caíram na literatura ardiliana. José Olympio, o livreiro das iniciativas arrojadas, lançou, então, uma nova coleção destinada a preencher essa lacuna. Mas a sua primeira apresentação confundiu-se com os voluminhos de Dilly e Ardel. Primeiro do que os outros, o próprio livreiro paulista compreendeu a falha e agora, renovando a parte editorial dessa coleção, apresenta cinco novos volumes, em capas a cores, com pequenos romances bem traduzidos e sobretudo bem escolhidos para o posto e a sensibilidade de suas leitoras.

A aceitação que vem tendo e o julgamento da crítica a respeito dessa coleção

tica a respeito dessa coleção levam NORDESTE a indicá-la como o acontecimento de maior sucesso literário do mês de setembro.

Diz Tristão de Athayde que "uma coleção como essa, em que a qualidade literária não perturba o nível moral e vice-versa, é um grande serviço prestado à mocidade feminina". Então, pois, de parabéns, as moças brasileiras. Já não precisarão escolher no escuro. Qualquer livro da "Coleção Menina e Moça" poderá ser lido sem receio de que estejam perdendo tempo com sub-literatura. São pequenos mas sedutores romances sem sentimentalismo e sem pieguice exageradas. Livros simples, atraentes e divertidos, em brochuras bem desenhadas e lindamente coloridas.

Os primeiros publicados foram "Sir Jerry, detetive", de Mad H. Grand; "Aventuras de Carlota", de D'A. de La Contrie; "O Jardim das Glincias", de Perre Goazec; "A fugitiva", de Clotilde Saint-Ogan e "O Mistério de Kerjona", de Naim. Foram traduzidos respectivamente por Guinara Lobato de Moraes Pereira, Rachel de Queiroz, Ana Maria Martins, Manuel Victor e M. J. Pinto. E, na verdade, uma belíssima coleção. — A. J.

CERVANTES E O FRANQUISMO

"Contam que outro dia um menino perguntou ao soldado, ao professor: 'Se Gonçalves Dias, ressurcindo, hoje, ele seria U. D. N. ou do P. Q. D.'"

A ingenuidade cômica da dúvida infantil, transformando-se em absurdo a ends adultos quizessem perguntar assim com respeito aos grandes homens do passado, Shakespeare seria hoje partidário de Churchill ou trabalhista? Sabeis ficar com Bidault ou com Thorez? Na verdade porém pergunta-mos sempre assim. O caso de Nietzsche, reclamado pelos nazistas e pelos anti-nazistas ao mesmo tempo, é significativo. Todos os regimes políticos gostam de invocar as grandes sombras do passado nacional para enfeitar-se de glórias que não lhes pertencem. Por que faria exceção o nome do grandíssimo escritor do qual celebramos hoje o quarto centenário do nascimento?

Cervantes não é apenas o criador de um dos grandes mitos-símbolos do espírito humano. Também escreveu as Novelas ejemplares, mais magistrais como realizações literárias do que o próprio Don Quixote; cervantina é a graça pífida dos dois picaros Rincónete e Cortadillo, e cervantina é a dolorosa e humorística zabeloria dos dois cachorros Cipión e Berganza que meditarão durante a noite sobre o absurdo dos destinos caninos e humanos. E próprio do grande humorista também é a profunda angústia de Persiles y Sigismunda. Já esse a pena possível como testemunha essa sombra. E, com efeito, é a Espanha oficial de hoje que hoje lhe comemora com festas barulhentas os primeiros 600 anos duma imortalidade sem fim, como se ele fosse um franquista de 400 anos.

(Otto Maria Carpeaux — Trecho de artigo, "O Jornal" — Rio, 12-X-1947).

O SECTARIO INGENUO

"O eminente sr. Henri Wallace é o que é hoje na política internacional: o sectário ingenuo, o pacifista doutrinario, o perigoso místico da Paz com F. maldito. Por não acreditar nem sequer na possibilidade de haver homens tão perversos pelo fanatismo político ou ideológico — e não apenas pelo morentilismo inhumano — que desejem a guerra entre as nações ou entre as classes e que concorram para a confusão e para as crises, pretende ele espalhar entre a mocidade e entre o público a mística do pacifismo absoluto: o repúdio a toda ideia de se defenderem as democracias, em geral, e as Américas, em particular, de perigos que evidentemente não vêm cercando ou minando; mas que ao seu ver, não existem; são invenções. Invenções de Mr. Churchill. Invenções dos senhores americanos. Invenções dos "reactionários". Invenções das "plutocracias" de Wall Street. Só falta falar em "trotskistas", em "traidores do Povo" ou "traidores do Proletariado". Talvez, acabe falando essa linguagem: a retórica tem "progressos inevitáveis" como certas doenças clássicas. E Mr. Wallace tornou-se evidentemente um caso politicamente patológico: o de um rooseveltiano hemiflegico, com um lado inteiro de sua inteligência ou de sua sensibilidade de política melancolicamente morto.

(Gilberto Freyre — Trecho de artigo — "Diário de Notícias" — Rio, 12 — X — 1947).

PARA UM TEATRO BRASILEIRO

Um dos entusiastas fundadores do Teatro do Estudante de Recife, Hermilo Borba Filho, acaba de publicar num folheto dos mais interessantes duas conferências por ele pronunciadas, uma sobre a "arte do povo", e outra sobre a "mise-en-scène".

(Continua na pag. 11)

Revistas

PROVINCIA DE SÃO PEDRO

N.º 8 — Ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1947. — A revista dirigida pelo sr. Moisés Vellinho continua a ser a melhor publicação literária do Brasil. Nesse número insere trabalhos inéditos de Oliveira Vianna, Augusto Meyer, Artur Ramos, Cecília Meireles, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins, Carlos Dante de Moraes e outros. Poemas de Alphonsus de Guimarães Filho, Athos Damasceno e Vicente Moliterno. E comentários sobre livros novos por Guilherme César. A seção de "letras estrangeiras" está muito bem confiada ao escritor Paulo Rónai. Um número completo.

PNF — Boletim cultural do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia — Ano V — N.º 9 — Rio, 1947. — É um boletim universitário muito sobre a sua apresentação gráfica e com selecionada matéria redacional.

Entre outros trabalhos, o boletim publica um conto do estudante Paulo de Carvalho e Silva recentemente premiado em primeiro lugar no concurso de contos e poesias patrocinado pela "Folha de F. N. F." e premiado por uma comissão constituída pelos professores Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira e Ernesto Faria. No próximo número de NORDESTE publicaremos um conto inédito desse jovem e talentoso contista universitário.

Escrevem nesse número: Djaçir Menezes, Ethel Baizer, Gladstone Chaves de Melo, Jorge de Lima (poema), E. Prado

de Mendonça, Maximiano de Carvalho, Carlos Heitor, Paulo de Carvalho Neto e Lucy Nascimento.

LITERATURA — Ano II — N.º 4 — Rio, 1947 — É para se lamentar que uma revista como "Literatura" não consiga sair com pontualidade. Em dois anos de existência, somente agora atingiu o seu quarto número. Por aí se pode avaliar as dificuldades de toda sorte que atrapalham a vida das revistas de literatura entre nós.

Dirige "Literatura" o escritor Astrojildo Pereira, secretário pelo poeta Jorge Meduara. Nesse número escrevem os srs. Sogenes Costa, Edison Carneiro, Astrojildo Pereira, Valdemar Cavalcanti, Ivan Pedro Martins, Floriano Gonçalves, Jorge Amado, Alina Paim e outros. Fazemos votos para que "Literatura", que conta com um conselho redacional de primeira ordem, acerte o passo.

REVISTA DE CULTURA — Ano I — N.º 1 — Recife, 1947. — Pelo título a responsabilidade dos diretores dessa nova revista, srs. Waldemar Valente e Oliveira Litrento, não é das menores. Talvez mais aconselhável seria trocar o título pelo sub-título "Ciências, Artes e Letras", mesmo porque há alguns versos no corpo da revista que contrariam as boas intenções de seus diretores.

Colaboram nesse primeiro número, entre outros, os srs. Wal-

(Continua na pag. 11)

TODOS OS LIVROS
COMPRADOS NA
LIVRARIA UNIVERSAL TEM
DESCONTOS ESPECIAIS

LIVRARIA
UNIVERSAL

Av. Rio Branco, 50
RECIFE

MENSAGEM AO DEUS-SURDO

Andrade Lima Filho

Até quando, Senhor, permitireis, como se fôsseis o Deus-Surdo ante os clamores do Mundo, que a nossa carne seja dilacerada, que sejam arrazadas as mansardas e os palácios dos homens desiguais entre si mas iguais em Vós, que os ventres das viúvas ainda frescas se tornem infecundos com a ausência dos esposos mortos, que a lá dos vossos cordeiros seja tosquinda, que emudeça nas árvores desfolhadas pelo outono da guerra o puro canto das aves melódicas, que os nossos olhos sejam roídos pelos abutres que as nossas vísceras se transformem em estrume nos campos de batalha e os corpos da humanidade apodrecida se reduzam a emanações de fogos-fátuos iluminando a trágica dança hedionda dos últimos vampiros?

Até quando, Senhor, consentireis, como se fôsseis um descuidado jardineiro, que os lírios dos campos e as frescas aguaceiras e as begônias, e as hortênsias, e as madressilvas, e as rosas sejam espesinhadas pelas rudes reunas dos guerreiros e enxarcadas pelo sangue e sepultadas no ventre úmido das crateras abertas pelos obuzes nos horrendos "close-ups" da Terra revolvida não pela charrua e o arado mas pelas garras tentaculares da Morte mecanizada?

Até quando, Senhor, permitireis, como se fôsseis não o Pai Comum mas o frio e insensível ginecologista que o anfiteatro branco e vasto do Mundo continue assistindo o ventre de vossas filhas parir futuros monstros mecânicos em que não vereis mais tarde nem a Vossa Imagem nem a Vossa Semelhança?

Até quando, Senhor, consentireis, como se fôsseis o Barba-Azul cruel dos contos da distante infância, e não Aquele a quem Verônica enxugou o suor da Face, e não Aquele a quem Maria de Magdala lavou os pés com a essência do sândalo, e não Aquele a quem Maria de Nazaré concebeu sem pecado por obra do Espírito [Santo

até quando consentireis que os rijos e belos seios das virgens que nasceram para o amor casto amoleçam nas prostituições extremas da opulência ou da miséria, ou rolem dos bustos erectos quais mastros e cheios e pandos e côncavos à imagem das velas enfundadas dos nav como cabeças rolando sangrando aos pés de horríveis carrascos cujas famas se espalham desde as pradarias asturianas aos campos de Belsen empastando o ar de memórias sinistras mais sinistras do que aquelas que guardam as águas do Mondego?

Até quando, Senhor, permitireis, como se fôsseis não o Filho Unigênito mas o próprio Herodes, pior que a matança, o Exílio dos Inocentes, consentindo que tenras criancinhas cresçam em terras estranhas longe do ma-

proscritas e degredadas como almas errantes nas imundas Caienas do Mundo Ensandecido?

Até quando, Senhor, consentireis, como se houvésses esquecido o compromisso da Arca da Aliança, que os filhos das aves sejam destruídos pela metralha e que os meigos pardais fujam espavoridos e que até as andorinhas desertem dos beirais arruinados de vastas igrejas reduzidas a cinzas nos confins da Terra por Vós abandonada?

Até quando, Senhor, deixareis, como se vos aprouvesse a perpetuação do drama do Primeiro Fratricídio, gôtas do sangue do meu irmão que é o meu próximo cair sobre minha consciência [cia dolorida,

gôtas que pesam como chumbo, gôtas que corroem como ácido,



gôtas que ferem como feriu a Vossa Fronte a Corôa de Espinhos, gôtas que caem como a areia da ampulheta anunciadora do Fim do Tempo, como se fôsse o aniquilamento definitivo do Gênero Humano, como se próximo, muito próximo estivesse o dia terrível do Juízo Final? Até quando, senhor, permitireis, ó Vós que nos falastes através do Sermão da Montanha, porque do alto da Montanha divisáveis e abrangíveis toda a Humanidade, que as fronteiras da Terra sejam mais vivas e mais fortes que as alianças e as aproximações universais do [Espírito,

permitindo que a mãe-pátria dêste odeie a mãe-pátria daquéloutro quando toda as pátrias nada mais são do que os caminhos terrenos através dos quais buscamos o Vosso Reino que não é dêste Mundo e quando o nosso tempo não é nosso mas vosso porque ele nos foi dado por Vós para que a Vós o desenvolvessemos moralmente intacto ganhando assim a Eternidade que prometestes a todos os homens em Vosso Reino onde não contam as latitudes geográficas nem a posição dos meridianos onde não valem tampouco o pigmento da pele nem a finura do cabelo nem a dimensão do nariz nem a conformação do crânio?

Até quando, Senhor, em suma, Vós que sois Aquêlê a quem a boa samaritana matou a sede com a água do seu [púcaro

mas sem cobrar de Vós uma drâma sequer, até quando permitireis que a fonte de nossa vida continue envenenada, e a água estagnada e a água apodrecida como a água das cisternas cobertas pelo musgo e pelo lodo e pela hera daninha?

Recife, outubro, 1947

FALAM OS CRITICOS

(Continuação da pag. 10)

Desas duas conferências, ocupando-nos apenas com a primeira.

Partindo da definição de teatro de Garcia Lorca, o autor demonstra que o teatro, infelizmente — bêta! — aburguesou-se e não tem mais suas origens no povo, para o qual deve dirigir-se. As peças não são feitas para ser lidas mas para ser assistidas. O teatro-brasileiro deve constituir exceção a tal regra. Mas não será verdadeiramente popular senão sob a condição de ir buscar todo o seu sabor e toda a sua seiva nos sentimentos e pensamentos do povo. Permitam-me citar aqui o próprio Hermílio Soares: "Bodas de Sangue" Borba Filho: "Garcia Lorca escreveu 'Bodas de Sangue', poema dramático especificamen-

te hespanhol e fez obra universal. E a linha dramática de 'Bodas de Sangue' não tem a potencialidade da história de Maria Bonita, degolada às margens do São Francisco, dando a sua vida pelo amor de uma das figuras mais curiosas do Nordeste. Os Antonios Condesheimos até hoje esperam pelo seu dramaturgo, que fazia obra de grande alcance, não somente artístico, mas também social. Todo o Nordeste é um drama de primeira grandeza, com a tragédia das secas, a escravidão do açúcar e o cangaceirismo. E o povo sofrendo, é o povo sendo explorado, é o povo lutando. São dramas do povo, que a gente interessa, que ele compreende. E a poesia viva, é a poesia explodindo pela boca dos cantadores de A B C das figu-

ras lendárias de Manuel Izidoro, de Zumbi dos Palmares, de Lampião... João Martins de Almeida — o maior poeta popular do Brasil segundo Mário de Andrade, — é cantado em todo o norte, as suas histórias são conhecidas e recitadas por toda essa massa sofridora que povoa o Brasil dos serões da Bahia às matas do Amazonas. Qual é o homem do povo que não sabe de cor os versos de "O retirante", e da "História do Valente Sertanejo Zé Garcia"? O teatro brasileiro precisa ter o seu João Martins de Almeida.

Costamos de ler essa página vibrante de paixão, como também a que se segue, sobre as possibilidades dramáticas a tirar dos "Xangôs" de Recife. Eu mesmo defendi num velho artigo sobre o teatro brasileiro, idéias análogas, e mostrei a fidelidade para os dramaturgos de extrair os seus assuntos dos mitos populares; em particular,

REVISTAS

(Continuação da pag. 10)

demar Valente, Pinto Ferreira, Julio Febrés Cordeiro e José Lourenço de Lima. Poemas dos snrs. Oliveiros Litrento e Samuel Valente.

REGIAO — Ano III — N. 5

procurei sugerir tudo o que o "Bumba meu boi" comporta em matéria de elementos trágicos ou cômicos, que não esperam senão o seu Garcia Lorca para triunfar não somente sobre os os palcos brasileiros, mas sobre todos os palcos do mundo.

(Roger Bartide — Frêcho de artigo "A Manhã" — Rio, 12-X-1947.

Recife, 1947. — A revista semestral "Região" reapareceu com melhor apresentação gráfica e colaboração mais variada. Não há dúvida de que o comentário de NORDESTE, no seu 8.º número, alertou e ajudou muito para que REGIAO tornasse outro aspecto. Mas o fator decisivo foi a entrada do jornalista Silvino Lira para a sua direção. Com o sr. Silvino Lira na direção da revista, o sr. Edson Regia poderá permitir que REGIAO se torne uma boa revista, principalmente porque não terá mais a preocupação de escrever "notas para encher um espaço em branco". Que felicidade!

Nesse número, que já de-

monstra a influência da nova direção, escrevem Maurílio Bruno, Alexandre Bittencourt, Tomás Seixas, Mário Duarte, Haidn Goulart, Mário Souto Mayor, Júlio Bello, Manuel Correia de Andrade, Guerra de Holanda, e Carlos de Vasconcelos. Um conto de Francisco Julião, um magnífico discurso de Joel Pontes, uma reportagem curiosa de Silvino Lira, (bem documentada com fotografias de Pierre Verger) e poemas de Alphonsus Guimarães Filho, Edson Regia, Jean Gacón ("poeta francês da nova geração") em tradução do prof. Odilon Nestor e quadras do sr. A. Alves Barbosa, dileto mestre de poética do promissor poeta conterrâneo Edson Regia. Um bom número, sem dúvida: — porque sério e ao mesmo tempo divertido.

Um Francês Escreve Sobre o Café DOS TÍTULOS invocados pelos espanhóis, etc.

(Continuação da pag. 2)

O café lhe merece, como estimulante das atividades intelectuais; o homem de espírito deve ser, por força, um "fan" do café, não do café simples água suja, ralo e desenhado, mas do café digno desse nome, "verdadeiramente bom", que ele era o primeiro a proclamar ser raro tomar-se. De alguém sabia que, amante do café, anotava, cuidadosamente, as casas onde era bem servido da bebida; em nenhuma hipótese voltava às demais — sempre em maior número — para almoçar ou jantar. E logo acrescentava Mangin que não ajudia a estabelecimentos públicos — bars e restaurantes — onde o café é sempre detestável. A carapuça ia colher, portanto, as amáveis donas de casa da sua grande França, naturalmente ainda pouco seguras na técnica do bom café.

"Com efeito" — ajuntava Mangin — "A qualidade dessa bebida não depende somente do grão empregado, mas da maneira como o tratam, e raramente o tratam como devem. O mais importante é o modo por que é feita a torrefação. Muita gente acredita que o café deve ser queimado até alourar. É um erro. Cumpre tirá-lo do fogo no momento em que os grãos tiverem adquirido uma cor fosca, tostada, e um aspecto lustroso, devido ao óleo cheiroso que deles se desprende. Se isto não é o bastante pelo menos é muito. Pisado o café, nem muito fino, nem muito grosso, põe-se, proporcionalmente, com precisão, a quantidade de pó e a quantidade de água. É preciso não despejar a água sem que esteja fervente, ou totalmente fria (o café preparado a frio conta partidários respeitáveis), e em pequenas quantidades de cada vez. Essa operação deve ser feita em vasos de prata ou de porcelana, e nunca em cafeteiras de folhas de flandres. Os verdadeiros conhecedores de bebida aqueceram pouco o café. E a gostam é do sabor um pouco amargo; a rigor, preferem o café sem açúcar, ao xarope com que se regalam muitas pessoas".

Mangin condena o exagero dos detratores sistemáticos e dos partidários entusiastas do café; os primeiros, a verem nele uma bebida essencialmente higiênica, um estimulante salutar das faculdades intelectuais; os segundos, um veneno bem caracterizado, lento mas verdadeiro, cujos efeitos, mesmo demorado a se fazer sentir, não são porisso menos inevitáveis. Exageram, evidentemente, de uma parte ou de outra — acentua ele. A verdade é que o café exerce sobre o sistema nervoso uma ação excitante muito acentuada, mas que o hábito vai tornando cada vez menos sensível. Se é um veneno, é tão suave que não matou jamais um homem de boa saúde, ou impediu que certas pessoas de natureza delicada chegassem à velhice. Seus inimigos — dia a dia mais raros, logo ressalta — fundam-se em que ele encerra um princípio ativo, um alcalóide muito venenoso: a cafeína. Mas, o mesmo princípio ou princípios análogos existem igualmente no chá (a teína) e no cacau (a teobromina). Não obstante, sentem-se muito bem as numerosas populações que fazem uso quotidiano do chá e do chocolate. É que se convencionou dar o nome de "veneno" a toda substância que per-

turba, de um modo ou de outro, o equilíbrio do organismo, esquecendo que essa perturbação, desde que seja ligeira e que possa corrigir uma outra mais desagradável, longe de ser um mal, torna-se um bem. Esse é o caso de todos os medicamentos, que, no fim de contas, não passam de venenos mais ou menos enérgicos.

"É certo que o café dispõe bem para o trabalho intelectual" — conclui Arthur Mangin —, "o que não quer dizer que ele dê ao espírito aquilo que não possui, nem mesmo, diga-se, que ajude a ser aquilo que já não era. A humanidade, depois que toma café, não produziu maiores espíritos do que os produziu antes e os homens mais notáveis pela imaginação ou pela inteligência não são, necessariamente, aqueles que tomaram mais café. Cita-se Voltaire, que tanto amou essa bebida. Falando do café, disse um poeta que ele faltou a Vergílio. Talvez Vergílio não o apreciasse. Nem porisso foi menor, escrevendo a "Eneida", as as "Geórgicas", as "Bucólicas". Outros, aos quais também faltou o café, não deixaram de legar à posteridade obras inesquecíveis. E os escritores medievos de hoje, ainda que se inuntem de sua pretensa bebida intelectual, jamais encontrarão, no fundo da chicara, o talento e as idéias que lhes faltam".

Bem se vê que, no menos nesse ponto, a verdade está com o bom senso desse francês, que nos fala do café com tanta simpatia — embora nem nada dizer de novo — nas páginas amareladas de sua obra, velha de quase um século.

(1) "Os pesquisadores ainda não descobriram referência mais antiga ao café, em língua ocidental, que a deixada por Leonard Rauwolf, natural de Augsburgo, médico e botânico, também conhecido pelo pseudônimo de Dasylicus. Rauwolf viajou pelas terras da Ásia Menor durante três anos, escrevendo, mais tarde, uma obra publicada em Frankfurt, em 1592, na qual revela a existência do café aos seus contemporâneos europeus" — Teixeira de Oliveira, "Vida maravilhosa e burlesca do café", 1942).

(2) "Prosper Alpinus, catedrático da célebre Universidade de Pádua foi o segundo escritor europeu a se ocupar da "cofeia". Dedicou parte de sua "De medicina Aspiptorum" (1591) e "De plantis Aegypti" (1592) ao estudo do café como planta e como bebida" — (Teixeira de Oliveira, obra cit.).

(3) Jean de Thevenot, a quem se deve a introdução do café na capital francesa.

(4) In "História do café no Brasil" — Volume primeiro, 1939.

(5) Como outros autores, assim grafa Mangin o nome de Gabriel Matheus de Clieu, ou de Clieux.

(6) Roberto C. Simonsen — "Aspectos da história econômica do Brasil", 1940.

Vitória sobre a posterior política colonial no Novo Mundo, pelo menos do que se infere das Ordenações subsequentes, resulta evidente que, em lugar dos alegados comprometedores em que a conquista até então se fundamentara, sobrevieram princípios novos, compatíveis com a liberdade humana, com o espírito cristão, e o que os faz ainda mais notáveis neste nosso século, considerados por juristas do porte de James Brown Scott como as próprias bases do Direito Internacional moderno.

(*) — Aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia do Recife, em 15 de março de 1943.

1) — ARMANDO MARQUES GUEDES, "A Aliança Inglesa"; Lisboa — 1938; p. 118.

2) — A. DE MAGALHÃES BASTO, "A missão de Aires Cardoso a Inglaterra em 1564", in "Ocidente", vol. XVII, n.º 51, julho de 1942; p. 364.

3) — VISCONDE DE SANTAREM, "Quadro elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo, desde o princípio da monarquia portuguesa até os nossos dias"; tomo XV, pp. 162-174 (Da Catoniana). "A simples descoberta, ainda que manifestando a intenção de possuir, pela colocação de padrões em outros ains, dá, simplesmente, um título em via de formação, an inchoate title, incompleto e ineficaz para traduzir a posse efetiva." — Vd. CLOVIS BEVILÁQUA, "Ir. Publ. Int.", t. I, p. 295, sobre a moderna teoria anglo-americana.

4) — BASTO, op. cit., p. 365.

5) — Idem.

6) — GUEDES, op. cit., p. 118.

7) — SANTAREM, op. e t. cit.; carta a p. CXXXVII e nota.

8) — Cf. BASTO, p. 357.

9) — Idem.

10) — JOÃO FRANCISCO LISBOA, "Obras"; vol. III, São Luís do Maranhão — 1865; p. 56.

11) — LEWIS HANKE, "The Development of Regulations for Conquistadores", in "Contribuições para el estudio de la historia de América"; Buenos Aires — 1941; pp. 71-72.

12) — LISBOA, op. cit. vol. cit., pp. 56-60. — HANKE (pp. 72-74) uma versão inglesa, baseada em ARTHUR HELPS ("The Spanish Conquest in America", t. I; London — 1900; pp. 264-267) com algumas variações tomadas em WASHINGTON IRVING, "The Companions of Columbus", t. III; New York — 1849. Também se encontra uma cópia do Requerimento no Arquivo Geral de Índias, Panamá, lib. I, pp. 49-50v. Há uma segunda versão portuguesa, além da de LISBOA, in LEWIS HANKE, "A aplicação do Requerimento na América Espanhola, 1526-1609" (artigo na "Revista do Brasil", setembro de 1935, p. 231-245).

13) — A versão de LISBOA começa nestes termos "Eu, Alonso de Hojeda, vasallo dos muito altos e poderosos reis de Castela e de Leão, vencedor, etc.". Preferimos iniciar a transcrição consoante a versão de HANKE, ("The Development, etc."), que é a fórmula impressa do Requerimento. A partir da palavra "vencedores" a concordância entre as versões inglesa e portuguesa é constante.

14) — Cf. HANKE, "The Development, etc.", p. 74.

15) — Idem, p. 75, n.º 2.

16) — "Colección de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas en América y Oceanía", Madrid — 1864-1884; apud HANKE, op. cit., p. 75.

17) — HANKE, p. 76.

18) — Cf. HANKE, "A aplicação, etc."

19) — Idem. Em 16 de novembro de 1532 o dominicano Vicente de Valverde deu a conhecer o requerimento ao Inca Atahualpa antes de Francisco Pizarro prosseguir no massacre e nas capturas iniciadas na província de Cuzco. Consta-se ali que essa leitura da proclamação, mas as melhores opiniões, segundo HANKE, indicam que Pizarro e Valverde agiram de pleno acordo com a lei de 1526.

20) — P. BELTRÁN DE HEREDIA, "Francisco de Vitoria"; Barcelona — 1939, p. 38.

21) — Isso ainda levando em conta as divergências, — J. LORIMER, "Principes de Dr. Int., trad. francesa de Ernest Ny, Paris — 1885;

pp. 41-42), por exemplo, acha que "si François de Vitoria, ni Dominique Soto, son élève et son successeur à l'Université de Salamance, ne hrent accomplir quelque progrès à la conception de rapports internationaux", se bem que o primeiro tenha tido, "cependant, le grand mérite d'appliquer la théorie de ces rapports lorsqu'il plaide la cause des Indiens".

22) — HEREDIA, p. 82.

23) — Idem, p. 80.

24) — Idem, pp. 121-124.

25) — Idem, p. 130.

26) — Apud HEREDIA, p. 170. — Vd. também "De India et de Juri Belli relectiones, being parts of relectiones theologicæ XII" ("The Classics of International Law"); Washington, 1917; também JAMES BROWN SCOTT, "The Spanish origin of International Law — Francisco de Vitoria and his law of nations; Oxford, London, 1934; ainda SCOTT, "The catholic origin of International Law"; Washington — 1934; e P. YVES DE LA BRIÈRE, "Conception du Droit International chez les Théologiens Catholiques", in "Recueil des cours à l'Institut des Hautes Etudes Internationales"; Centre Européen de la Dotation Carnegie; janeiro-abril de 1929.

27) — HANKE, "The development, etc.", p. 77.

28) — LISBOA, op. e vol. cit., pp. 277-278.

* * * * *

O LIVRO ESTRANGEIRO REMARQUE

(Continuação da pag. 13)

Dobra-se assim a última página de ARCO DE TRIUNFO com um mixto de piedade e de revolta, enquanto lá bem no íntimo uma apreensão ameaça nos envolver todo — Será que ainda voltarão aqueles dias de horror e de vergonha para a pessoa humana?

O drama do "Exodus" na Palestina e em Hamburgo nos chega pelo rádio e pelo cinema até com mais força do que as páginas de Remarque...

E' que pensávamos que não havia mais lugar para peregrinos involuntários, desde que qualquer um deve ter o direito de viver onde quer que cheguem os raios de sol da democracia.

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

PELO dedo se conhece o gigante. E' da sabedoria muito antiga: do tempo em que Golias ameaçava céus e terras com suas mãos, embora delas não se temesse David. O prestígio do dedo ter-se-á imposto desde que o homem aprendendo a se servir deles ostentou-os como instrumento de trabalho, de força e de vaidade... Da habilidade em cavar ou moldar, ao seco e ao anel de grau. A imperiosidade do mando não menos souberam os dedos traduzir: brandindo a espada ou apenas verticalizando-se. Advertência e silêncio se diante dos lábios.

As próprias expressões revelam tal autoridade, desde a suprema: O Dedo de Deus. Que de mais alto e decisivo! Procuramos senti-lo visualmente em quase qualquer pormenor orográfico no caminho de Teresopolis. Em menino, cedinho, os dedos se familiarizam com os nossos brinquedos no desafio pitoresco do Dedo Mindinho, do Senhor Vizinho, do Cata-piolhos, do Fura-bolos, do Maior de Todos... E quanta significação existe naquele Fura-bolos!... As histórias infantis não menos enchem as cabeças qual a do Pequeno Polegar ou a de menino preso pelo velho do surrado e fadado a lhe servir de repasto. Precisava, entretanto, engordar e todas as manhãs o seu carcereiro pedira-lhe botasse o dedinho de fora para medir-lhe a grossura. Sabia-se da sátira da criança para se livrar da morte próxima.

Sem dúvida, por tais aritméticas, é costume afirmar-se com ares de mistério: "Este meu dedinho me conta muita coisa!". Dedos tão preciosos que superam o desejo de ostentação, no brocado: "Percam-se os anéis, mas fiquem os dedos". Refinancia de alto sacrifício, sabido quanto se disputam os anéis, sem esquecer os indicadores do doutorado. "Tem anel no dedo!" Não se exige mais nada... Escolha-se, nomeie-se, exalte-se, porque o anel o impõe.

Dedos mais simples os domésticos. Manejando a agulha, na arte de bordado, da costura, da renda, maravilhosos ou esforçados, "Tem mãos". O gabo define tudo. Era um doce de outrora nas noivas pobres, quando os atrativos da vida não absorviam tudo... Os dedos femininos apreciavam-se pelo que realizavam e não pela cor do esmalte. "Dedos de fadas". Que deles dissessem os poetas e namorados classificando-os de esguaios, alvos, unhas rosadas (e não vermelhas), prometedores de doces carícias. Dedos mal roçados num rápido aperto de mão ou mal entrevistados num aceno de distante varanda. daquelas visionadas varandas de que Mateus de Albuquerque dizia:

Essa formosa e senhoril varanda Onde teu vulto pálido se inclina Lembra-me sempre a antiga e veneranda Lenda de amor que os séculos domina.

E a imagem imortal dos encontros de Romeu e Julieta revive na evocação de dedos a se entrelaçarem na ansia de demonstrar a separação inevitável... Dedos que se colam de amor e se enclavavam de dor. Dedos a aproximar os dois olhos um retrato ou do ofato uma flor. Quando não prendem uma carta ou a amarrotam de ciúmes... Dedos enastando cabelos, acariciando rostos, cruzados num peito para a oração, se não para a morte... Dedos violentos e vingadores "marcando uma cara" sobre a qual estalam em bofetada.

Tantos dedos... Não é sem razão definir-se "estar-se com as mãos cheias de dedos" nas atitudes de embaraço, de indecisão, de acanhamento. Dificuldades em suma. E os dedos que se tocam para a dança. Uns se aproximam e se unem. Outros se repelem. Vem a lembrança do episódio do poeta negro com quem ao dançar uma dança muito alta tentava calçar as luvas.

Não precisa, minha senhora. Eu tevi o cuidado de lavar minhas mãos depois da valsa...

DEDO

Mario Sette

Dedos milagrosos, também os há. Não nos esqueçamos dos de um famoso professor desembarcado, um dia, no Recife, de bordo do Mala Real, prometendo curar todos os males, mesmo os incuráveis, com uma simples aplicação dos dedos. Hospeda-se no Derby e uma multidão crendula para lá se move em bondes, em trens, a pé. Anunciam-se os milagres: cegos vêm, surdos ouvem, aleijados saíam, ferimentos reintegram a pele, mudos discursam... Os dias correm, as discussões se travam entre crenças e céticos, por fim os milagres acabam. Fica apenas o chiste popular e carnavalesco na crisma de O Homem do Dedo.

E o prístino dos dedos nos apanos da taboada? Quem não lhes deverá a gratidão quando as "casas" dos 7 ou dos 9 ainda não estão bem decoradas?

— 9 e 8, hein, quantas são?
— 9 e 8... 9 e 8...
— Sim, 9 e 8?

A memória não auxilia a soma. Recorre-se sorrateiramente aos dedos e eles, camaradas, precisam os 17 para a resposta: — 17, professora!

Dedos de socorro aos aflitos. Quantas vezes! Desafiam o ro-zário, Podem... Confiam... Esperam a graça. As contas passam. Padre nosso, que estais no céu... Ave-Maria, cheia de graça... E vem-nos à memória o soneto de Alfonsus de Guimaraes:

Mãos que os lírios invejam,
Mãos eleitas,
Para aliviar do Cristo os sofrimentos,
Cujas veias azues parecem fei-tas
[tas
Da mesma essência astral dos
[óleos bentos.

Mãos de sonho e de crença, mãos
[afetadas
A guiar do moribundo os passos
[lentos,
E em séculos de fé, rosas des-feitas,
Em hinos sobre as torres dos
[conventos.

Mãos a bordar o Santo Escapu-lário
[lário
Que revelastes para quem pade-ce
[ce
O inefável consolo do Rosário.

Mãos ungidas no sangue da Co-trão,
Deixai tombar sobre a minha alma
[uma em prece
A bênção que redime e que per-doa.

Dedos que falas pelos teclados dos pianos e das sarafinas como já se fizeram sentir pelos cravos de outrora. Quantos deles — ah! quantos mesmo! — se tornaram assim tão compreensivos e veementes que tempos depois recebiam a aliança nupcial diante de um altar enfeitado de rosas...

Guilherme de Almeida di-lo em Malmoequer:

Passa horas inteiras debruçada
Sobre a imobilidade de meus
[olhos
Tomo-te os dedos — tua mão de
[fada —

E' como um malmoequer... Bel-
[jo-os, desfolho-os...

Malmoequer... bem me quer...
[Entre os meus dedos

Passam longas carícias de ve-ludo
[ludo

Tua boca de esmalte tem segre-
[dos

Mas teus olhos de amêndoa di-zem tudo.

Dizem que há uma volúpia cor-de sangue
[de sangue
Oculta entre teus dedos sensi-tivos:
[tivos:
— Antes que murche tua mão
[exangue
Na ponta de teus braços con-vulsivos.
[vulsivos:
Deixa que eu a desfolhe. E en-quanto escorrem
[quanto escorrem
Teus finos dedos desarticulados
[desarticulados
Pensa que muitos malmoeques
[mormes
Triates, porque não foram des-folhados.

E ainda o poeta de Messidor confessa:

Teus cinco dedos me provocam
O olhar, os lábios, os ouvidos,
As mãos, o olfato... E se me to-
[cam
Intencionais ou distraídos.
Teus cinco dedos me provocam
A melhor sensação dos meus cin-co sentidos.

A história dos dedos que se escondem sob as dobras dos bu-reis e dos que se agitam em um adeus. E que dizer dos dedos das rendeiros ágeis e peritas te-cendo as rendas maravilhosas cujo verdadeiro preço, muito

além de seu teto vão merecer, tampouco o ambiente em que irá brilhar e fazer invejas...

Houve uma época de evidente valia dos dedos. Nenhuma mulher deixava de possuir o seu para as tarefas da costura. E não raro oferecia-se a prenda do dedal de ouro. Levava-o de presente o pai à filha ou a avó velhinha legava o seu à neta pondo-se moça. Não o desdenha-va como dádava de amor o noivo. Lá aninhado em caixinha de veludo e com as iniciais gravadas em monograma. A oferta era a um só tempo lembrança e homenagem ao labor dos dedos queridos. Queriam poupá-los das agressões das agulhas e consentir-lhes maiores primores das preguinhas, nos matizes, nos caprichos embelezadores dos indumentos. E a dona mirava embevecida o dedal de ouro. Até versos lhe fizeram poetas da época... Um jornal de então, em resumo tipográfico, publicou por alguns dias um aviso de se haver perdido um dedal de ouro "de estimação" e dava-se a quem o trouxesse a gratificação vantajosa, nesse ano dos de 1890... de 20\$000.

Dedos de quando ainda não se

pintavam as unhas nem existiam na paisagem elegante as manícuras. Bastavam-lhes as tesourinhas Vitry. Eram róseas as unhas e às vezes salpintadas de "mentiras". Hoje, o esmalte esconde a cor natural e... as mentiras. Os tempos, porém, são outros, bem outros. Os dedos de dantes semi-velavam-se púlicos nos mitaines ou se enovavam de todo na pelica das luvas de braços longos. Faziam-se roçados os dedos e os enamorados diziam de suas ânsias em obter a ventura de apertá-los de leve um dia... E quanto custava mesmo esse regalo amoroso!... Agora os dedos se ostentam e se oferecem nos teclados, não dos pianos: das máquinas de escrever em que redigem... cartas de amor?... Saíram da moda. Orçamentos de vestidos, de cimenas e... de chikietas.

Os dedos pontuam a nossa existência desde os seus alvoroços até derradeiros impulsos do coração: — cuidados materiais com as unhas limpas das crianças e advertências de avós para que não apontem as estrélas "senão nascem verrugas"... Unhas a se arroxear e dedos a terem movimentos estranhos

quando a morte se aproxima. Dedos acariciadores em cabelos infantis e em cabeças de agonizantes. Dedos astuciosos no esconderem... Se se é menino, esconde-se a fruta ou o doce surrupiando sem consentimento materno.

— Abra a mão!
Deslocam-se os dedos e o fla-grante se oferece.

Quando se é jovem, outros mistérios ocultam os dedos protetores: o bilhetezinho de namorado... talvez a flor recém-recebida na janela...

Ou, um dos divertimentos prediletos era o jogo do anel. Faziam roda sentados na sala ou no jardim. Algaravia de mocidade. Olhares intencionais. Sorrisos de embuste. O anel ia no côncavo das mãos procurando passar as cadeias de outros dedos que o esperavam bem cerrados. Não raro cantavam uns versinhos assim:

Chora, Mané, não chora.
Chora Mané bestalhão...
Chora, Mané, não chora.
Porque não tem o anel.

Nem sempre os Manés choravam por não terem o anel. Ele vinha de propósito ao cárcere de seus dedos traídos por outros dedos cuja carícia de contacto, por mais rápida fora, despertava um frémito indefinível. E, afinal, mais tarde, o anel cingia o dedo de ambos — num símbolo nupcial.

Guilherme de Figueiredo, em seu livro: "Um violino na sombra" conta esta historietta:

No espelho da rosa
Um dedo espastado
Eterna, chorosa,
A mão me entregaste.

O sangue em meu lenço
Piedoso, exanguiço,
E à guisa de penso
Teu dedo beijei.

Teu rosto amou-se.
Retiraste a mão
O espelho cravou-se
No meu coração.

Esta historietta desde o começo do mundo terá se repetido sob múltiplas formas. Nem sempre haverá um espelho de rosa para picar o dedo e cravar-se num coração. Basta às vezes um dedo que golpeia a corda de um instrumento musical. Oitros eram as "debeis cordas da lira" do poeta; depois vieram as harpas tão em moda entre nossas bisavós; ontem como hoje os violinos, os bandolinos... E porque não recordar os dedos dos seresteiros da época romântica? Quando as varandas ficavam tão distantes dos lábios para as confissões de amor, eram às vezes expressas pelo dedilhar das cordas dos violões que levavam juras, promessas e esperanças, senão lamúrias, aos ouvidos da mulher querida. Os

Acorda que a noite é bela
Vem ouvir o teu cantor...

ou o

Acorda, abre a janela
Estela...

repetiam-se no silêncio das ruas ou na esteira das águas

Pontuando o amor, os dedos pontuam a vida. E no dizer de Ana Amélia na sua "Corrente da Vida" buscam prendê-la em seu curso de ânsias inuteis, de desesperos vãos...

Debalde os nossos dedos agita-
[dos
Tentam prendê-la, num desejo
[louco;
Ficam apenas frios e molhados
Entre as gotas que rolam pouco...
[a pouco...

Não importa, porém, o gesto impotente de deter a corrente da vida. Nós nos voltamos, então, para o céu. As luzes dos candelabros se acendem no altar. As notas do "Tantum ergo" soam. Há luzes de incenso. Tinem as campainhas. Joelhos dobram-se. E os dedos do sacerdote traçam a bênção do Senhor.

O LIVRO ESTRANGEIRO

REMARQUE

ABELARDO JUREMA

Quando ruflavam os tambores na velha Europa machucada pelos passos de ganho dos alemães do Kaiser, Remarkue iniciava uma bela caminhada pela literatura de ficção, NADA DE NOVO NO FRONT ficou com uma grande e viva advertência às gerações do futuro. Constituiu o mais sério libelo contra a guerra e, por isso mesmo, a sua repercussão, no mundo inteiro, trouxe para o autor uma auréola de simpatia e de admiração que bem poucos podem desfrutar entre homens de todas as latitudes.

E Remarkue continuou fiel a si mesmo. Mais tarde, quando a paz voltou sobre o continente europeu, mas as causas da guerra continuando em aurda fermentação, DEPOIS foi um novo livro animado e debatido do mesmo autor, com o mesmo fim, com os mesmos propósitos, com as mesmas advertências. Mas estas se perderam ante uma publicidade que fez criar um novo clima bélico e uma demagogia totalitária que mais uma vez abria trincheiras pelos campos reservados ao trabalho fecundo do homem, e barricadas nas cidades onde o espírito realiza as civilizações. As novas gerações foram assim arregimentadas para outra grande caçada humana, tendo ainda nas mãos NADA DE NOVO NO FRONT e DEPOIS e nas faces as marcas recentes da tragédia de 14.

E, nesses preparativos, representou Remarkue uma das muitas vozes de protesto, denunciando ao mundo, através de NAUFRAGOS, o drama impressionante dos refugiados, primeiras vítimas da guerra branca que precedeu àquela última catástrofe. Mergulhados num submundo, à margem das leis e das possibilidades de recuperação no meio, os refugiados, em peregrinação forçada pelas fronteiras europeias, ofereciam

quadros vivos de uma miséria ainda desconhecida à vida humana. Enquanto a displicência democrática procurava ignorar oficialmente essa situação de desespero em que se achavam as vítimas do nazismo em franco e aberta mobilização para a guerra, procrastinando uma solução ou uma atitude que a dignidade humana estava a exigir, reprovavam-se em Paris, ondas de refugiados que refletiam em seus aspectos deploráveis, impressões bem vivas dos crimes que se cometiam contra a democracia, numa série ininterrupta de Viena a Praga, de Munich ao corredor polonês. Eram eles um resto de humanidade que se não mereceu a atenção das democracias corruídas, representou para Remarkue um material que já exgotou dois alentados volumes — NAUFRAGOS e agora ARCO DE TRIUNFO — e ainda deve estar sobrando para outros romances de intrépidos intelectuais de vanguarda.

Como um pregoeiro honesto de uma vida mais decente, Remarkue não interromperá a sua caminhada pelos mundos onde o sofrimento continua a reduzir a trapos, bandos de homens perseguidos por uma época revestida de características inéditas na história dos povos. Com o corpo e o espírito marcados pelos mesmos sacrifícios, vivendo da sensibilidade a mesma tragédia e experimentando pelo mesmo sentimento de solidariedade humana as mesmas dores e emoções, tanto em NAUFRAGOS como em ARCO DE TRIUNFO, o autor imprimiu um cunho pessoal no encaminhamento das cenas do gritante drama dos refugiados, ajustando-as numa sequência admirável de romance moderno. Se em NAUFRAGOS os sem-pátrias caminhavam em zig-zag rumo a Paris, jogados para frente ou para atrás pelo policiamento

convencional e inconsciente das democracias que já estavam sentindo o calor da fogueira que Hitler acendia na Alemanha e Mussoline na Itália em ARCO DE TRIUNFO Remarkue nos leva à última etapa da dolorosa jornada dos refugiados — Paris. E cada personagem é um protesto. Cada cena um grito de revolta. Cada situação um martirólogo. E tudo isso se passava em Paris — no centro do mundo, onde batia o coração da humanidade, como dizia Eça de Queiroz. Homens se arrastando pelo "underground" da vida, como párias da Índia ou colíes da China. Homens vivendo entre sombras como aqueles que outrora viveram pelas catacumbas. Homens sem direito de serem homens. Cidadãos empurrados para o suicídio ou para a cadeia, para o cemitério ou para o hospital. E tudo isso sem qualquer possibilidade de salvação, sem qualquer outra oportunidade para uma recuperação de direitos de viver. Por cima de todas essas apreensões, sacrifícios, sofrimentos e canseiras, a imagem da guerra e as possibilidades da vitória do nazismo que bem conheciam e bem podiam comparar ante tão flagrante inconsciência das democracias, a apularem quaisquer raios de esperanças de sobrevivência. Só mesmo a força do Instituto de conservação pôde conduzir essa leva de mártires até a contemplação da vitória sobre o nazismo.

Evidentemente, maior do que todos os males é a vontade de existir — do contrário aqueles personagens de ARCO DE TRIUNFO não teriam conseguido chegar a Paris nem sobreviver à sua ocupação e aos cinco anos que sucederam, tornando ainda mais sombrias as suas condições de vida, com todos os horizontes fechados a qualquer plano de fuga do terror.

(Continua na pag. 12)

UM CRÍTICO DE EÇA

Haroldo Bruno

A leitura de Eça, do sr. Antônio Ramos de Almeida, só veio confirmar uma velha crença que sempre mantive a respeito do romancista português: não tanto do romancista, mas do indivíduo Eça de Queiroz: a de que ele não foi, pelo menos junto aos homens da sua geração e entre estes particularmente um Antero de Quental, um espírito capaz de sobrepor os ideais de vida acima das virtualidades do artista.

Eça foi um desses escritores de vocação autêntica, disposto a sacrificar tudo mais a sua obra, inclusive os meios da sua realização — tirando-se até certo ponto a si mesmo. Simbolizou o tipo do intelectual perfeito. A bem dizer, não a razão da vida, a sua finalidade cifrava-se na arte, em criar o seu estilo como insubstituível expressão do seu destino, como afirmação fiel, única possível da sua personalidade humana. Como se não escrever fosse um instinto e não um ato consciente de inteligência e de vontade, mas um instinto que abafasse por outro lado a verdadeira vocação da vida, que Eça não teve para mim.

Havia muita atitude, muito esnobismo e pôde nos seus gestos os mais espontâneos. Havia as gravatas espalhadas, havia o monóculo acentuando o sarcasmo, que por sua vez não era natural. Certas coisas que Eça satirizava, satirizava-as por estimá-las demais ou por não compreendê-las realmente. Eça é expressão do humanismo intelectualista, frio, voltairiano, quase um anti-humanismo retardatário dos fins do século XIX em Portugal. Não se pode gostar da vida quando não somos homens de ação, quando não nos misturamos com ela. O socialismo de Eça foi uma utopia, um acessório ético da sua consciência; via ao longe a questão social do tempo, não teve este aspecto — a experiência de Antero. E Eça foi, além de tudo um contemplativo. Sim, um contemplativo arvorado em homem de ação, em quem os fatos, o bolício exterior já encontram um eco fervoroso e nada profundo. Em Eça a preocupação pelo problema social quase que não passou duma dessas chamadas "loucuras da mocidade", ridículas e inocentes, que perduram às vezes como um rabo de palha e que é preciso ocultar embora comprometendo-se.

Na ausência de efetiva participação e naquela emorosecimento gradual com que terminou desaparecendo, o socialismo de Eça que de primeiro era o traço saliente da sua vida — mais que tudo pela falta completa de participação, o seu socialismo tem muita semelhança com o socialismo de Gilberto Freyre — digase de passagem — por quem reservo a maior admiração intelectual e cujo valor me impede agora de dizer que é outro que se traiu a si mesmo. No sociólogo brasileiro pelo contrário, essa não-participação pouco se justifica, pois ele não é um contemplativo.

Logo se depende do que venho dizendo um problema literário, sobre o qual se temia inútil falar a não ser acidentalmente — a literatura deve ligar-se aos caminhos da sociedade, refletir as ideologias e aspirações do seu tempo, ou tudo isto deve recair diante da literatura? Ou que acetam rigidamente um dos dois princípios afirmados, sem dúvida, ser a posição a eles extrema um prejuízo fundamental em qualquer obra de arte. Revisar a antiga querela parece-me ociosidade — e nem faz parte desta linha de considerações —, pois a divergência existe. Os dois campos opostos ou se disputam a primazia hermeticamente fechados, ou se reconciliam, quase sempre esporadicamente. Romance puro, conceitualista, arte desviada da vida, por uma direção: literatura em função dum determinado momento ou circunstância histórica, retrato de uma época, região, grupo, por outra — é o que encontramos, mais freqüentemente como antíteses, em todo o romance universal. E as vezes se combinando admiravelmente como é, aliás, o próprio caso de Eça de Queiroz.

O século XIX em Portugal está marcado nos MAIAS, no PRIMO BAZILIO, no CRIMES DO PADRE AMARO. Eça não esqueceu um só momento o seu povo. E para falar dele com ternura, com entranhado amor. E talvez seja isto o que havia de mais sincero na sua pessoa, porque o resto só interessava como verdade aberta à consumação da sua arte, à maneira de um profeta, que tráz uma missão a realizar na terra. O que não redundava em experiência fecundante era abandonado. Passou por profissões e terminou na diplomacia, onde tempo sobrava, e meio, para desempenhar esta sua missão feita destino ou designio. Tentou crítica, contos, mais só ficou no romance. Um romance que iria exprimir maravilhosamente a alma portuguesa, a mediana, a alma classe-média, a que ele pertencia embora se revoltasse, sendo esta revolta na melhor das hipóteses um imperativo moral. De longe, de Paris ou de Bristol, escrevia para os amigos aquelas cartas saudosas, lembrando as suas bacalhoadas, os seus vinhos no Bagança. Os tipos mais

ridículos da sua gália são, no fundo, grandes almas; em vez de ódio inspiram compaixão, que é o sentimento das coisas inofensivas e boas. Devotava o povo e a tradição portuguesa com uma constância imperturbável, levando-os para os seus romances. Entretanto, nem aí perdeu ele a flegma, o fino senso do humor, antes cobria de escárnio era só uma parte externa da estrutura lusitana, era o que havia nela de formal e menos expressivo. Era o pó-de dos seus maiores, dos seus homens públicos, dos seus costumes em dissolução, do idolo da sua arte decadente. Aqui se exerceu plenamente todo o senso crítico de Eça, dominado



Eça de Queiroz

por um evidente sentido do exagero, pelo gosto da caricatura — com o qual não podia ter criado personagens tão insipidamente caracterizados, um Pacheco, um conselheiro Acácio, um Fradique Mendes, e para mim sobretudo as figuras admiráveis de Joana, no PRIMO BAZILIO e da titi de A RELÍQUIA —, mas assim mesmo num tenaz esforço construtivo.

Negar pois as consequências revolucionárias da sua obra, resultados antes duma inclinação natural, a veia irônica e mordaz, do que de uma enraizada ideologia de que Antero de Quental foi talvez o maior portador entre os escritores de 70, seria envolver o sol com uma peneira. O sr. Ramos de Almeida, através do seu lúcido ensaio de interpretação da vida e da obra de Eça de Queiroz, mostra-nos até a extensão da ação revolucionária que os seus romances, ainda hoje, despertam em Portugal e no Brasil. Lá e aqui, Eça como renovador é odiado.

do e admirado. E, diz o crítico que mais admirado no Brasil do que em Portugal, cuja classe dominante, mesmo depois de tantos anos, dificilmente perdoará o fato de ter servido de instrumento à sátira eciana.

Mas, dos ideais que agitaram a mocidade universitária do romancista a repercussão na obra foi quase nenhuma. Nem um só desses romances, os mais com a ordem estabelecida, deixaram transparecer, integralmente, o homem que pertenceu à Internacional dos Trabalhadores, ou o revoltado das FARPAS a todo momento reparando injustiças, gritando contra as mazelas daquela ordem arruinada. O que era impeto destruidor, necessário toda vez que as raízes sociais se estabilizavam, se afossavam; o que era palavra viva e muito pouca participação direta na luta, tão acesa no seu tempo como agora, pela justa valorização econômica e política do homem, foram se refinando em ironia a serviço da arte, como o seu atributo essencial.

E quando isto se dá é que a traição no intelectual de qualquer modo se perpetua. E se perpetua talvez para o engrandecimento da obra, ninguém nega. Um romance quanto mais revolucionário tanto mais precisa disfarçar os seus fins intencionais. A obra de Eça foi revolucionária, não na medida em que desejamos que fosse para ser coerente com os tempos de moço, com as disputas acadêmicas, com as Conferências, com os primeiros libelos. O Eça da Academia e depois do Cenáculo, ao tempo da sua nomeação para o consulado de Havana já era um homem, pelo menos aparentemente, acomodado à realidade de Portugal e a tudo aquilo que, à princípio, na sua mocidade ridícula e assim mesmo romântica, constituía motivo de panfletos exaltados ou blague mordente. Parece ao que sua existência experimentou uns ardores ou comichões idealistas que logo, por um processo de aburguesamento progressivo, entraram na rotina e por assim dizer nela estalararam-se. Talvez a carreira diplomática, talvez o casamento com uma nobre, uma tradicionalista, uma reacionária, no sentido que um termo contém em qualquer época tivessem contribuído para isto. A influência da nobre acha o sr. Ramos de Almeida que foi decisiva sobre essa involução senão do caráter, da consciência política de Eça pelo menos. Não teria sido tanto assim, creio. Nem a carreira diplomática, nem o casamento com uma nobre, nem outra qualquer influência, como a de Ramalho, abalariam os seus ideais, se ele os tivesse bem fortes. Tudo era camuflado. Eça já sabia dentro de si mesmo que um artista por mais puro não deve esquecer as aflições do povo. Aproveitando um postulado, um princípio social para cercar sua obra de valor ainda maior, mais

perso, Eça se antecipava ao equívoco de muitos escritores modernos cujo idealismo não resiste a uma análise mais acurada.

Aliás, dominou aquela geração de 70, em contraste ou paradoxalmente ao aspecto turbulento com que em geral ficou caracterizada, e também ao aspecto negativista simbolizado através de Os Venícios Da Vida, um sentimento místico que iria visivelmente se afirmar na velhice de dois dos seus maiores representantes, Antero e o próprio Eça de Queiroz. Em Antero penso que esta reviravolta fazia parte de sua natureza profundamente contraditória mas intimamente bem orientada: ele foi levado ao otimismo pelo ateísmo, e um espírito ateu é sem dúvida um espírito místico. Eça terminaria ainda mais longe das suas páginas ingênuas de santos... O fato, na sua significação político-social, é simples. Divorçados como estavam do nascente movimento trabalhador, eles nada faziam, no seu "socialismo" e tendo em vista aquela Portugal feudalista e beato, sendo levados a bases ideais da sociedade pequena burguesa e liberal. No fundo, lutavam pelo liberalismo capitalista, isto é, o que realizavam em Portugal esse ciclo histórico, já consolidado em outros países da Europa. Liberais ou quase anarquistas, isto eles o foram mas terminaram vencidos. Vencidos por si mesmo e pelas forças sociais retrógradas.

O que é provável é que em Eça dois indivíduos sempre coexistiram, o revoltando e o acomodático, o renovador e o conservador, o dialético e o apaixonado, o lutador e o contemplativo. Observa muito bem o sr. Antônio Ramos de Almeida, quando diz: "Eça nunca tentou a ser artista, foi como literato que agiu sempre...". Por exemplo: o seu interesse nas Conferências do Casino não passou do puramente estético. Em página anterior e a propósito daquelas reuniões, acrescenta o arguto crítico que enquanto "Antero falou da Decadência dos povos peninsulares; Augusto Soromenho dos problemas histórico, didático e estético da Literatura Portuguesa; Adolfo Coelho do ensino em Portugal, — Eça falou do Realismo". Falou de literatura, sem ligar muito ao fim visado por todos. Dando, é verdade, um tom mais amplo e universal, tratando de novas concepções estéticas, Eça estava consigo mesmo, com a sua vocação, e um pouco fora do âmbito e da preocupação que inspiravam a iniciativa do casino.

Se eu tivesse algum dia de escrever sobre Eça de Queiroz pouco divergia da interpretação do sr. Antônio Ramos de Almeida nos seus pontos essenciais, a começar pelo método de análise crítica, que o autor emprega no seu ensaio, nem permitindo a mais ligeira dissociação entre a obra e os estímulos do meio, e que chama com um certo vício sistematizado, de "condicionalismo". Condicionalismo no sentido da interdependência da literatura com a vida. A obra de Eça naturalmente pode ser estudada partindo-se deste ponto-de-vista, mas creio que o critério defendido no segundo capítulo do livro não se apresenta desenvolvido como devia, em suas últimas consequências. Nota-se por vezes também uma contradição entre a ordem de pensamento adotado e a exposição e defesa de certas ideias, que estão em choque ora com a realidade, ora com a obra. O emprego da semelhante método na crítica literária requer sem dúvida muitas reservas, jogando além disto com um poderoso manancial de conhecimento. O que dá solidez e maior interesse ao trabalho do sr. Ramos de Almeida é, não obstante e justamente, o prima dentro do qual as suas conclusões revestem-se de uma grande objetividade. Sobretudo, isto permite que o autor, sem se desviar, alargue consideravelmente o plano do seu livro e ao mesmo tempo que pretenda oferecer um estudo sobre Eça, ofereça-nos também um vivo quadro da realidade cultural em que Eça se formou.

Interregno de tão renhida disputa, foi afinal encontrado o terreno neutro onde se puderam harmonizar pontos de vista rigidamente antagônicos e opiniões aparentemente irreconciliáveis. Um pouco de tolerância de parte a parte, e logo tudo se resolveu sem maiores entraves, tendo em vista o interesse comum pelo êxito do Congresso.

E de desejar, por todos os motivos, que esse pensamento de unidade — no que não leve tiranicamente à uniformidade — presida aos trabalhos da futura mesa-redonda dos intelectuais brasileiros. Têm eles muito de importante e urgente de que cuidar — os problemas profissionais, as questões gerais ligadas à cultura popular e à liberdade de pensamento e de expressão, os temas de ontem, de hoje e de amanhã. Seria uma pena que a visão panorâmica, mas objetiva, de tudo isso viesse a ser perturbada por discussões marginais ou desconversas manhosas. Só os intelectuais terão a perder se foram por água abaixo as suas esperanças num Congresso realmente produtivo.

(Continua na pag. 15)

Mala dos Estados

(Continuação da pag. 9)

As capas, as orelhas, os prefácios, os índices, as frases esparsas, — as estantes onde se alinham dezenas, centenas de volumes, ainda não de todo possuídos, são como portas fechadas de um templo, deixando-nos de cá das escadarias, a imaginar o culto, a participar mentalmente da adoração aos deuses que lá dentro reinam, a divagar em sonhos de saber, de cultura, de prazer.

Na companhia dos livros, erudita e muda, não é sólida que se sente. Os que temos nos oferecem recordações vivas; os que desejamos ler nos proporcionam uma sensação que é meio segurança e meia ansiedade.

No suplemento literário da "A Manhã" há uma certa dispersão de notícias, embora o sr. Jorge Lacerda venha realizando uma verdadeira revista literária com o suplemento. Além do sr. Jorge Lacerda, com as suas notícias e comentários sempre vivos e atuais, há a saborosa seção do sr. Djalma Viana, uma espécie de censura democrática dos suplementos literários. Aseguramos os frequentadores do café "Vermelhinho" que o sr. Djalma Viana é um pseudônimo do escritor Admias Filho. Já o grupo do sr. Monte Brito, onde também se suspeita ser um pseudônimo do romancista Alyrio Meira Wanderley, espalha que o Djalma é um pseudônimo coletivista, isto é, por detrás dele trabalha uma equipe de comentaristas...

A maior e mais grata novidade da semana foi a entrada do Valdemar Cavalcanti para a seção "Jornal Literário" do "O Jornal". Val-

demar Cavalcanti é um nome que dispensa qualquer adjetivo, uma apresentação. Iniciou a sua seção comentando o II Congresso de Escritores que se realizou em Belo Horizonte na primeira quinzena de outubro. Crítico e ensaísta sempre vivo e ágil, o jovem escritor algoaço deu sangue novo ao suplemento do "O Jornal". Senão vejamos a sua primeira crônica:

"Quando a Associação Brasileira de Escritores convocou seus associados para a escolha, segundo processos democráticos, da delegação carioca ao Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, logo se verificou um entrosamento de opiniões. E não foram poucos os que, diante do exaltado debate, balancaram tristemente a cabeça, já pesada de maus augúrios. Que seria possível realizar em Belo Horizonte se ainda nas vésperas os intelectuais se punham a discutir com tal veemência sobre assuntos relacionais com os preparativos da reunião?

Pois estavam errados os que julgavam assim. Uma prova do interesse e importância do próximo Congresso era aquele pletto preliminar, em que se exprimiu o espírito acendadamente democrático da maioria do certame, o livre debate provocado pelo primeiro trabalho eleitoral até as amplas e enriquecedoras. Pondo fora de foco uma outra manifestação de intransigência, na defesa da vontade individual ou de pontos de vista de grupo, vemos que o suposto, atrito mais não era que o natural processo de penetração de opiniões, entre indivíduos ciosos da sua liberdade de julgar e de votar de acordo com a própria consciência.

O que houve na Assembleia da A. B. D. E. é possível que tenha sido apenas um treino de conjunto da equipe carioca, em preparo para os prêmios de Belo Horizonte. E o que resultou desse treino pode ser considerado um exemplo apreciado: mediante cordial entendimento, no

Havia, desse modo, uma total equivalência entre o ato de fuga e a face que era sempre uma antecipação ao subentendimento: existia uma articulação tão intrínseca entre a imagem e o pensamento de Chaplin, que a imagem, por mais de uma vez, idéia de o personagem Carlito ser irrealizável sob forma humana.

O Hospital dos Funcionários Públicos Federais

O HOSPITAL

O Hospital dos Servidores do Estado no Distrito Federal é uma iniciativa que honra não só o próprio governo como o país, dada as condições técnicas, sociais e arquitetônicas que apresenta aos olhos de qualquer viajante por mais exigente que seja. Sua construção, feita por especialistas nacionais, é o maior testemunho da capacidade profissional dos nossos engenheiros. Seja pela amplitude de suas acomodações, seja pelo rigor de suas instalações, seja ainda pelo maravilhoso material técnico que possui em abundância, o Hospital dos Servidores do Estado não tem similar no Brasil, podendo mesmo ser considerado um dos maiores do mundo. Na própria América do Norte, onde os serviços sanitários atingiram elevado grau de desenvolvimento, nenhum hospital leva a primazia. Tem capacidade para 300 leitos destinados a todas as especialidades excluindo apenas as moléstias infecciosas e contagiosas, para as quais vai ser construído um pavilhão especial, fato este que será único nos serviços hospitalares nacionais. Possui, igualmente, ambulatório para todas as especialidades e que, inevitavelmente, é de um alcance extraordinário. Banco de sangue, laboratório de anatomia patológica, serviço dentário completo, serviço social destinado a zelar pelos interesses dos funcionários, promovendo diversas aos doentes, são outros tantos órgãos do novo hospital, todos montados a capricho e de acordo com as exigências dos serviços que vão prestar.

MATERIAL TÉCNICO

Tudo o material técnico existente no novo hospital, que diga-se de passagem, é o melhor e mais moderno existente foi totalmente adquirido nos Estados Unidos. Foram 10.000 volumes que chegaram até aqui em perfeito estado, dadas as condições especialíssimas de embalagem utilizadas pelos fabricantes americanos. Na aquisição de tão importante material foram gastos 17 milhões de cruzeiros.

SERVICO OPERATORIO

O hospital vai dispor de três centros cirúrgicos sendo dois para homens e mulheres e um exclusivamente para ginecologia e obstetrícia. Tem 8 salas para operações das quais duas providas de visores o que per-

tirá aos interessados e alunos acompanharem os trabalhos operatórios. A iluminação das mesas de operação é feita por intermédio de lâmpadas especiais de sódio o que tem dupla vantagem: não irradia calor, nem promove sombra no campo operatório. Completando as necessidades vitais do hospital, ele ainda tem uma maternidade com 80 leitos, berçário, sala de traumatologia com mesa de Albee e instalação de raio X, salas de curativos, sala de ginecologia com 80 leitos.

OS MEDICOS

Uma das principais preocupações da administração do hospital dos Servidores do Estado, foi a escolha daqueles que deveriam ter, a seu cargo e responsabilidade, os serviços profissionais. Para chefiar os 13 serviços técnicos foram preferidos professores e docentes de nossas faculdades oficiais e reconhecidas, cujas escolhas estão mais do que justificadas em termos do prestígio que adquiriram através do magistério. Os demais lugares técnicos serão escolhidos através de provas de concurso de títulos e de experimentação, de futuros profissionais. Com o fim de facilitar a aquisição de futuros profissionais o hospital vai dispor de um curso de especialização para médicos que será realizado em dois ciclos: um de um ano e outro de especialidade. Este curso, que constitui uma novidade em nossos serviços hospitalares, ministrará, anualmente, 20 médicos que trabalharão com tempo integral e que além de moradia e alimentação perceberão um ordenado.

SERVICO DE INFERMAGEM

O hospital vai necessitar de 130 enfermeiras das quais 36 podem residir no estabelecimento. Dadas as dificuldades para a obtenção de enfermeiras, situação esta que tende cada vez mais a se agravar, a administração do novo hospital vai organizar uma escola para 200 alunas o que virá concorrer para melhorar a deficiência que atualmente se tem daqueles profissionais. Inevavelmente, mereceu da administração, um cuidado todo especial de tudo que diz respeito com os trabalhos afetos as enfermeiras.

SERVICO DE CONTROLE

O hospital possui um serviço



Hospital dos Servidores do Estado, inaugurado no dia 28 de outubro pelo Presidente Excmo G. Dutra — Rio de Janeiro

de controle completo. No que diz respeito com a administração, o serviço é totalmente mecanizado permitindo o manuseio rápido de um milhão de fichas. É a primeira vez que uma organização desta ordem é aplicada em um hospital. Por seu intermédio é fácil saber, a qualquer momento, tudo que se relaciona com um doente, desde sua entrada no hospital até sua saída, em detalhes mínimos, seja quanto a parte clínica, seja quanto a parte social. Para permitir um controle perfeito das necessidades dos funcionários públicos em serviço no Rio já foi solicitado, a todos os Ministérios, a remessa de listas de todos seus servidores com declaração de nomes, idade, funções, padrões de vencimentos, repartições em que estão lotados, nomes das pessoas de suas famílias que têm direito aos serviços do hospital, enfim, todos os dados possíveis a organização das fichas individuais. Outro controle importante, e que é único entre nós, é o dos

técnicos. Por meio de dispositivos elétricos especiais fácil é saber onde se encontra um determinado médico. Ao chegar a um dos 11 andares do prédio o profissional, o chefe de serviço, a enfermeira registra seu nome em um quadro apropriado, indicando esta que é transmitida a todos os demais pavimentos, inclusive o gabinete do diretor. As enfermeiras também sofrem um controle de tal modo que é possível acompanhar a sua passagem através as enfermarias, sala de estar, copa e apartamentos. Para unificação geral todo o pessoal do hospital, inclusive o diretor, usará um fardamento especial o que terá a vantagem de evitar confusões com pessoas estranhas. Para as comunicações internas existem 280 redes telefônicas.

PREPARO DA ALIMENTAÇÃO

A alimentação dos doentes mereceu cuidados especiais. Além de ser toda ela controlada cientificamente por uma espe-

cialista em dietas, é preparada cuidadosamente. Para isto foi montada um cozinha moderníssima com capacidade para produzir 1.500 refeições no almoço e no jantar. Para dirigi-la foi contratado, um cozinheiro com o ordenado mensal de 4 mil cruzeiros e que veio de um dos nossos mais luxuosos hotéis. O transporte das refeições para os apartamentos, quartos e enfermarias é feito por intermédio de carros térmicos com capacidade, cada um, para 80 dietas.

SERVICO AUXILIARES

Em primeiro plano se destaca o que diz respeito com a limpeza das roupas. Estas são recolhidas a sacos especiais conforme o estado que apresentarem. As que se acham sujas de sangue ou matérias purulentas são colocadas em sacos especiais que se destacam dos demais por uma faixa vermelha. Jogados os sacos fechados em tubos apropriados vão ter à lavanderia onde são mergulhadas

em uma solução antisséptica poderosa e depois lavadas mecanicamente, passadas a depositadas existentes em todos os andares. Para o conserto das peças existe uma costureira dirigida por hábil profissional. Laboratório de anatomia patológica, capela, necrotério, oficinas, salas de máquinas com 3 caldeiras movidas a óleo combustível, elevadores posantes em número de cinco, portaria, constituem outros serviços importantes montados com todas as exigências.

FARMACIA

A farmácia mereceu atenção especial. Instalada em amplas salas do pavimento térreo, ela está em condições de, a qualquer momento, preparar as receitas necessárias e abastecer as salas de curativos e de enfermagem de todos os recursos medicamentosos exigidos.

A PRÓXIMA INAUGURAÇÃO

Será a 23 de outubro próximo que o novo hospital será inaugurado. Para a realização de tão grato ensejo muito tem concorrido o general Gaspar Dutra. O chefe da Nação tem tomado o tanto interesse pelo grande empreendimento que tem tomado o tanto interesse pelo maná são realizadas à tarde do mesmo dia. Com um carinho todo especial vem ele acompanhando a instalação do novo hospital tendo mesmo se recusado a inaugurá-lo simbolicamente. Quer inaugurá-lo em pleno funcionamento. A construção do majestoso edifício, que custou até agora cerca de 50 milhões de cruzeiros, tem sido contratado por parte do presidente da República, todas as vantagens. Somente a sua intervenção direta se deve a próxima inauguração do moderníssimo hospital que será para o país uma verdadeira glória. O presidente do IPASE, dr. Alcides Carneiro, tem sido, igualmente de uma dedicação sem par. A ele os funcionários públicos deverão, em grande parte, as vantagens que vão em breve usufruir. Toda a instalação do hospital tem sido feita pelo seu atual diretor dr. Raimundo de Brito que põe à mostra, de forma bem evidente, seus profundos conhecimentos profissionais, confirmando, assim, a preferência do governo quando lhe entregou a direção do novo hospital.

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão destacadas com o nome do receptor e estação de destino, retirando dos volumes todos os díscos usados.

A falta de díscos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e conseqüente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso
COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

Por Causa De Umas Aspas

Aderbal Jurema

Não nos passou despercebido o comentário de Valdemar Cavalcanti, no suplemento literário do "O Jornal", a respeito dos concursos de romances de iniciativa de revistas culturais. Longe estávamos de pensar, no entanto, que a crônica do arguto comentarista literário viesse o concurso instituído pela revista NORDESTE. Para começo de conversa, vamos logo dizendo que o nosso velho e fraterno amigo provocou esta resposta por causa de umas aspas. Aspas que andou colocando numa rápida notícia sobre o concurso de NORDESTE, no mesmo suplemento do dia 2 de novembro. Ao colocá-las, no fim da frase — "cabendo aos autores o saldo das edições",

Valdemar como que estabeleceu uma ligação entre a sua crônica anterior, onde estranhava o irrisório dos prêmios que se ofereciam aos concorrentes de certos concursos de romances, e o nosso concurso. Aspas injustas que não mereciam resposta se não parássemos de um escritor que milita a maior parte de sua vida na província. Valdemar Cavalcanti conhece, tanto ou mais do que nós mesmos, as dificuldades com que lutam os escritores jovens nas principais cidades do nordeste. Ele não pode ter esquecido também o mundo de coisas difíceis para se fazer uma revista de literatura na província. Muito cara ainda é a sua impressão e um sério problema a sua distribuição pelos outros Estados. Por isso nem Recife, nem Alagoas e nem outro qualquer Estado do norte conseguem man-

ter, com êxito duradouro, uma revista literária, quanto mais uma casa editora.

Lembra-se o amigo do Catete 200 do tempo larão de "Momento" e do "Boletim de Ariel"? E a "Revista do Brasil" que fim levou? Todas desapareceram e, no entanto, eram ótimas revistas, as duas últimas. No Rio, atualmente, uma revista como "Literatura" leva uma vida irregular, saindo de quatro em quatro meses. "Província de São Pedro", que tem a Livraria do Globo garantindo a sua divulgação, ainda não conseguiu ser pontual. No mais, tudo é esporádico, sem continuidade.

E no norte? Ora, no norte, vivemos todos alimentando as grandes casas editoras do sul, não só com os escritores que daqui desceram, como, sobretudo, com o nosso rico dinheirinho maldito. E os escritores emigram justamente em busca de melhores condições de vida. Mas continuam surgindo, todos os dias, novos talentos que nem sempre podem arribar.

Os romancistas jovens lutam as horas de seus originais envelhecendo no fundo da gaveta, enquanto os poetas adolescentes se vingam amarrando, nas algebras vazias, os seus últimos cantares. Para eles, é que instituímos o nosso concurso. Para eles que não podem

custear nem edições de papel linha d'água e, muitas vezes, lutam até com dificuldades no datilografar os originais. (Agora mesmo estamos recebendo vários pedidos para que dilatássemos o prazo de entrega dos originais. E acedemos justamente porque alegavam falta de máquina, de tempo útil, etc.) Coisas de doer, seu Valdemar, mas, por isso mesmo, criadoras e dignas da nossa melhor simpatia.

Ainda um dia desses, José Bezerra Gomes, antigo estudante do grupo de "Surto" de Minas Gerais, promotor no interior do Rio Grande do Norte, lançou, por conta própria, a 1.ª edição de seu romance "Por que não se casa, doutor?", muito mal impressa, num papel de venda. O livro circulou e conseguiu uma segunda edição já numa editora do Rio.

O concurso de NORDESTE, embora só ofereça ao premiado o "saldo das edições", terá, pelo menos, a virtude de chamar a atenção das editoras sulistas para jovens talentos novelísticos ainda não revelados. E a propósito de romancistas, pergunte o nosso Valdemar ao não menos nosso antigo amigo Rubens Cardoso, quanto coube de direitos autorais ao Lins do Rêgo pela 1.ª edição de "Menino de Engenho". Se não me fa-

lha a memória, ouvi o Rubens falar, há pelo ano de 1932, numa banca de café em Maceió, em dois mil cruzeiros, se a edição fosse toda vendida.

Os tempos, aqui, não mudaram para nós. Ainda há pouco um jovem cheio de idealismo tentou uma editora: a Capibariê. Imprimiu um romance de Lúcio Vaz e distribuiu. Faz seis meses e não recebeu até agora um níquel das livrarias do país. Anda com ar de doído e com 25 mil cruzeiros de prejuízo. Faltou-lhe capital para continuar a editar e uma boa rede de controle e distribuição fez mais falta ainda. O fato é que, agora, esses iluminados, esses cavaleiros andantes que terminam mesmo em "triste figura", os homens de negócios do nordeste não querem negócio com livros.

Na Bahia há uma nova editora: a Elio. É uma editora organizada por um grupo de jovens que custeiam coletivamente cada livro editado. Todavia duvido muito que consigam receber, sequer, a quota de sacrifício de cada um.

No Ceará, com os rapazes do Congresso de Poesia e no Paraná, com o grupo da revista "Joaquim", a faganha, parece, que se repete. E no Rio? Quantos poetas de verdade não têm custeado, eles mesmos,

as suas edições para que recebam o dístico de uma grande casa editora?

A responsabilidade do prêmio, que NORDESTE oferece em seu concurso é coisa muito maior do que parece. Um romance de 300 páginas vai custar uma porção de dinheiro, sem falar na imensa dificuldade da distribuição por todos os Estados. Mais comodo seria nós instituímos um concurso dessa natureza se não estivéssemos bem vivos, em nós outros, as esperanças frustradas de dezenas de jovens escritores da província que vêm seus livros queridos amarelecendo, não nas prateleiras das livrarias, mas no fundo das já citadas gavetas.

O concurso é uma possibilidade de vida, porque um livro que não cingula termina por morrer. Um escritor novo que não aparece em letra de forma é um talento que se estiola e que, às vezes, se rebalsa com um mendigo junto aos poderosos das panelinhas editoriais. Panelinhas editoriais e igrejinhas literárias que existem nas editoras e nos suplementos domingueiros com o seu cheiro apetitoso de glória literária. Panelinhas e igrejinhas que não censuramos, porque nós não iríamos combater uma forma de instinto gregário do homem... E mesmo porque todos os que as combatem são os mais ávidos de nelas pene-

trarem, coisa parecida com governo e oposição no Brasil: quem está do lado de fora, faz força para entrar e quem está dentro, não quer mais sair.

As bases do nosso concurso são simples e provincianamente pobres. Do seu resultado poderá ficar, pelo menos, "um gesto de companheirismo, uma ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum início de carreira gloriosa". Por isso excluímos os autores "com mais de dois livros publicados". Para esses, quando caíram no agrado do público, não faltariam editoras. Para os fracassados, embora com dois livros publicados, resta a esperança da "ameaça aos editores" sugerida pelo sr. Guilherme de Figueiredo...

Os concorrentes ao certame de NORDESTE estão fora dessa festa metropolitana, por enquanto. O prêmio de NORDESTE não oferece as vantagens de um convite de baile em grande estilo, mas dará ao feliz-do-o ensejo de apreciar a festa no sereno. E aqui na província, meu caro Valdemar Cavalcanti, o sereno continua mais humano e pitoresco do que o baile convencional, de entrada paga.

★

CERVANTES

(Continuação da pag. 4)

a Bondade do Cavaleiro e a sua delicada e vigorosa compreensão dos deveres humanos. Sobre a imediatismo, a estupidez, sobre a noção estreita e vulgar da existência, se eleva a ética do Quixote, a sua regra de vida, a sua moral heroica.

Sobre as incertezas, as perplexidades e as dúvidas, se distingue e avulta a Fé inabalável do Cavaleiro, invulnerável e firme — desafiando os lógicos, vencendo a vulgaridade, brilhando na noite humana, generoso e nobre na sua generosa e nobre loucura.

Gloria, pois, a Dom Miguel de Cervantes Saavedra, que há quatro séculos nasce em Alcalá — banhada pelo Henares — e nasce para não morrer.

★

15 ANOS DE LITERATURA

(Continuação da pag. 10)

as moedas, dos moleques atolados na bagaceira, dos problemas simples do coronel Paulino preocupado com a política e as safras. Veio depois *Agua-Mãe*, a história de três mães brasileiras, tendo por cenário as salinas de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro. E agora, a mudança de cenário é de novo completa. O romancista está na capital carioca, conta-nos a história de um crime e de um homem, desde fundo na alma de um semelhante e EURÍDICE aparece. Primeiro a criança infeliz, doente de espírito, despresada pela mãe, voltando-se para a irmã num complexo incestuoso. Depois o adolescente carregado de recalques, o encontro com EURÍDICE, a sensação fremente do corpo de EURÍDICE. Mas toda essa evolução, é curioso assinalar, processou-se sem que o romancista perdesse qualquer das suas virtudes essenciais de narrador, a sua sensibilidade de instintivo, a sua profunda força de compreensão e humanidade. Ao publicar EURÍDICE, seu 11.º romance em 15 anos de literatura, José Lins do Rêgo conserva-se fiel a si mesmo e à sua arte, no mesmo tempo que se completa e se desdobra em uma nova experiência feliz de conhecimento do homem.

DOS ESTADOS UNIDOS

Acidentado o poeta John dos Passos

John dos Passos, poeta e romancista norte-americano, sofreu um grave acidente quando viajava, em companhia de sua mulher, no seu automóvel pelo interior dos Estados Unidos. Chocou-se o veículo com um caminhão devido a escuridão da noite, tendo sua esposa falecido no desastre e o poeta perdido o olho direito. Todos os jornais americanos noticiaram o fato que causou geral consternação.

A AUTORA DE "REBECCA" NOVAMENTE ACUSADA DE FLAGIARIA

O "New York Herald Tribune", em sua edição de 22 de outubro deste ano, publicou uma minuciosa notícia sobre o andamento do processo movido por Edwina Le Vin Mac Donald, autora de "Planejei matar meu marido" (I Planned to Murder My Husband), novela de 1924, e "Janelas Falsas" (Blind Windows), novela de 1927, contra a escritora inglesa Daphne du Maurier, autora de "Rebecca" e outras novelas. Afirma a sra.

Mala do Estrangeiro

Edwina Le Vin Mac Donald, no curso da ação, que a sra. Du Maurier cometeu contrafação literária quando escreveu "Rebecca" em 1938.

— Eis um resumo da notícia do N. Y. Herald Tribune:

Desde 1941 que a ação foi iniciada, mas, somente agora, está chegando ao seu ponto culminante. A escritora Mac Donald faleceu em abril último e seu filho J. Clifford Mac Donald prossegue como herdeiro.

A indenização que a sra. Daphne Du Maurier terá de pagar será vultosa, pois nos Estados Unidos foram vendidos mais de um milhão e meio de exemplares do romance "Rebecca", além de ter sido filmado.

Lembram os jornais americanos o caso do romance "A Sucessora" da brasileira Carolina Nabuco que acusou publicamente a autora de "Rebecca" de ter plagiado nesse livro o herdeiro daquele. Agora a escritora Daphne du Maurier está seriamente comprometida arrastando também os seus editores Doubleday & Cia., a United Artists

e David Ol Selznick Productions, todos acusados de infringir a lei dos direitos autorais. Da mesma maneira que, em



Daphne du Maurier

"Rebecca", persiste na manobra Manderley a personalidade da morta, nas novelas de Mac Do-

naid, tendo por cenário o sul dos Estados Unidos. Ida é a primeira esposa que volta para perseguir a nova esposa. O advogado de Mac Donald, sir Charles S. Rosenzweig, declarou perante o Tribunal de Recursos que "não, somente os enredos são os mesmos, como também certos detalhes de situações e diálogos são manifestamente idênticos. Du Maurier, pelo seu advogado sr. Arthur F. Driscoll, negou "que tivesse lido os livros de Mac Donald anteriormente a 1938 e assevera que o tema geral encerra certas similitudes sem maiores consequências".

Os autos foram conclusos ao Juiz John Bright. Este declarou já ter lido "Rebecca" e que se achava no meio da leitura de "Janelas Falsas"...

DA ESPANHA

IV Centenário de Cervantes

Para solenizar o IV Centenário de Cervantes, o Ministério

de Educação Nacional por proposta da Comissão de Linguística, presidida pelo diretor da Real Academia Espanhola convocou a celebração de uma Assembleia de língua espanhola que terá lugar em Madrid e em Alcalá de Henares, terra natal do creador de "Don Quixote".

Foram instituídos vários prêmios para os estudos literários distribuídos da seguinte maneira: Biografia crítica de Cervantes, inédita, 50.000 pesetas; Estudo estilístico de uma novela de Cervantes, 25.000 pesetas; Valores Cômicos do Quixote, 25.000 pesetas. Esses trabalhos devem ser escritos em língua espanhola e poderão ser entregues até primeiro de outubro de 1948. Organizaram, também, concursos de composições musicais inspiradas em textos cervantinos, com prêmios de 25.000 a 10.000 pesetas cada um.

— A Editora Dosset, de Madrid, acaba de publicar o livro de ensaios de Victoriano García Martí intitulado "Don Quixote y su mejor camino". Pelo enunciado dos capítulos, trata-se de auto-biografia coletiva, o que não deixa de ser uma maneira nova de comentar a obra cervantina. Entre outros capítulos, destacam-se: Elogio e sentidos de la libertad, El Quixote y Fausto, Espana y Europa e Espana y el mundo.

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

MOINHO RECIFE

FARINHA DE TRIGO OLINDA

FARELO DE TRIGO

End. teleg. "MOINHOCIFE"

- RECIFE -

CAIXA POSTAL, 199

Rações balanceadas

AVEVITA

BOVINOVITA

EQUINOVITA

SUINOVITA



BORBOREMA

COMPANHIA DE SEGUROS GERAIS

(CAPITAL SUBSCRITO: Cr\$ 2.200.000,00)

(REALIZADO: Cr\$ 1.540.000,00)

tem a satisfação de comunicar aos snrs. comerciantes, industriais e aos seus clientes e amigos a instalação, no dia 27 de Novembro próximo, de sua

SUCURSAL NO RECIFE

no Edifício Almare — Sala n.º 105, à Avenida 10 de Novembro

Seguros contra incêndio, transportes marítimos, rodo-ferroviários e aéreos

MATRIZ: JOÃO PESSOA — PARAÍBA

AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS



— E' mesmo o caso de pedir socorro! Sinto meu "barco" em situação de perigo que, assim, mau grado meus esforços, não vai para a frente por causa do incessante aumento de despesas.

Se não me derem meios para manter o equilíbrio, não o levarei a "porto e salvamento" — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWSYS -- TEL. 2141 -- RECIFE

TÓPICOS

DURAS VERDADES

"The Journal of the American Medical Association", dos Estados Unidos, publicou um causticante editorial sobre as condições sanitárias da população brasileira. A propósito do teorismo dos nossos cursos médicos diz o seguinte: "A instituição do internato é praticamente desconhecida, embora entre os principais hospitais uns poucos a tenham adotado. As escolas de enfermagem apenas começam a ser lançadas, em muitas casas de saúde os doentes são acompanhados de pessoas das respectivas famílias, para estarem sob seus cuidados".

Sobre o aumento sempre crescente de tuberculosos nas principais cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, o jornal americano diz: "A tuberculose ameaça constantemente a vasta população letrada, que corresponde a 70 e 80 por cento das 40 milhões de habitantes do Brasil". Estão enganados, o último censo acusou muito mais de 40 milhões de brasileiros.

Desce a minúcia: "O costume do escarrar é tão generalizado que mesmo os mais novos hospitais têm escarradeiras em todas as salas". E denuncia essa verdade suicida para uma nação jovem como a nossa: "As probabilidades de duração de vida para a população em geral não vão além dos cinquenta anos". (!)

Salienta, ainda, que o governo é acusado de cupidiz e que a burocracia nos serviços públicos já atingiu a um grau inacreditável!

São duras verdades que dizem lá fora de nós. Verdades que precisam ser urgentemente substituídas por coisas verdadeiras mais certas e mais humanas.

REVISTAS

BRITAIN TO-DAY — Noa, de dezembro de 1946 a setembro de 1947 — Os números que recebemos deas mensário ilustrado que se publica em Londres revelam um cuidado especial na seleção dos artigos de literatura, educação, artes, sociologia e problemas econômicos. Através

dessa revista inglesa de após-guerra ficamos ao par do grande movimento de renovação cultural que se está realizando nas Ilhas Britânicas.

O número de setembro do corrente ano publica artigos e reportagens assinaladas pelos snrs. B. Ifor Evans, K. A. Eadale, Ivor Brown, E. Allison Perra, Philip Hendy, Dineley Hussey e Dilya Powell.

"Britain To-Day", além dos artigos assinados, insere seções de cinema, teatro, livros novos, música e artes plásticas. A revista de "Britain To-Day" foi uma gentileza do Conselho Britânico.

OS MISTÉRIOS DA REPRODUÇÃO HUMANA

OS HORMÔNIOS NA REPRODUÇÃO HUMANA — Traduzido, por Cláudio de Araújo Lima para a Coleção A Ciência de Hoje (Livraria José Olympio Editora). Essa interessante obra de divulgação científica, acompanhada de 81 ilustrações, foi selecionada pelo Scientific Book Club dos EE. UU. e recebida pela crítica com os maiores louvores. Dentre estes, destacamos os que lhe fez o Scientific Book Club Review: "Digno do mais alto elogio não só pelo seu estilo lúcido e vigoroso e pela importância transcendente do seu assunto, como também pelo equilíbrio com que tratou problemas discutíveis de pesquisa ora em curso". Alguns capítulos: — Fecundação do óvulo — A natalidade e o "período de segurança" — Aparcho reprodutor da mulher — O hormônio masculino — O ovário como órgão regulador.

Leia neste número de
NORDESTE
as bases do
concurso
de romances

NA SUA CASA NÃO FALTA
o que é bom!



As crianças preferem as gulosei-
nas aos peixes mais saborosos. É
próprio da idade. Para contentá-las,
as boas donas de casa têm sempre
em sua despensa algumas latas da
saborosa Goiabada Marca Peixe.
Na merenda escolar, as crianças
gostam da Goiabada Peixe. A sobre-
mesa, todos em casa a apreciam. Há
40 anos sua fama empolga o Brasil.



OUTROS PRODUCTOS MARCA PEIXE

Marmelada de Laranja - Marmelada de Figo -
Pêssego - Abacaxi - Limão - Doce de Leite
Gelato de Goiabada - Gelato de Marmelada - Gel-
atina - Abacaxi - Gelatina em Calda Espessa
Doce de Círio - Círio em Calda - Fígos em
Calda - Biscoito de Tomate e Maizena de Tomate

GOIABADA
MARCA **PEIXE**

"A GOIABADA QUE É FEITA DE GOIABA"



As Barcaças Do Nordeste, Seus Homens E Sua Historia

TEXTO DE
LUIZ TORRES

Fotografias de
Alexandre Berzin

Tudo pronto: a partida — Em pleno mar, no meio das águas — Pensando em casa — Peixe e carne seca com caldo de cana caiana — Na barra — Descanso da viagem — Negócios à vista — O "coringa" e sua vida — Quadrinhas de fandango — Os nomes das barcaças — O farol de Santo Agostinho e as praias do sul — Olinda, vista de longe — São Miguel do Arrecife, um pouso certo e seguro...

das que tem que trazer de volta: o sapato da companheira, o vestido da menina... na sua companheira que ficou trabalhando, fazendo bico de renda à porta da sua casa de palha. E dança-se a pensar: vê o seu Zequinha que todas as manhãs vai pra escola aprender o ABC em companhia da mana. Vê ele no meio dos outros meninos, brincando de roda e saltando e cantando a moda do marinheiro:

Marinheiro, Marinheiro,
quem te ensinou a remar?

Foi o tombo do navio,
foi o balanço do mar...

... ele pensa tanto e talvez mais que o vaqueiro das margens do Moxotó.

A sua janta é muito simples: uma cioba, um camorim e xarque com farinha seca molhada com feijão preto. O café é como café de soldado: não é cuidado e é adoçado com açúcar bruto vindo do engenho de Maria Bonita. O pão é feito de milho, milho dado no roçado, plantado no mês de março. A água de beber é apanhada na cacimbão ou no igarapé que corta as terras e os canais e vai desembocar na mansidão do Una. Um cabaço encostado ao rancho está cheio de caldo, de cana picado e do bom.

E chega ao ponto de viagem: um porto localizado num desaguadouro...

Cansado de uma viagem fatigante o mestre barcaceiro vai relembra os episódios difíceis vividos no alto mar. A quadra não está boa. O vento ora sopra de nordeste, ora vem do sudeste... Assombrado nenhuma; apenas a brisa trouxe o canto longe da sereia... Os tubarões abordaram a barcaça quatro vezes... Sacudi fumo no mar, dei-tei comida à mãe d'água...

Vez por outra uma modinha sai de seus lábios. É a saudade de casa, do seu torrão. Parece querer ouvir o gorgoleio dos passarinhos, que vivem a saltitar pelo coqueiral, por entre as ribanceiras, e que voam para além dos morros que cercam o vilarejo das barcaças.

Os negócios são feitos à vista. Dinheiro é dinheiro e não brincadeira. A família em casa é a mulher e cinco filhos, pra dá de comer e vestir, aferra a soldada do pessoal da viagem. O côco é vendido, a carga, o carvão a seco, a lenha a metro, e o açúcar, o custo é só o transporte, pois o mestre barcaceiro não tem engenho, nem usina, possui unicamente a sua barcaça.

Aquêle menino que está cochilando a sono solto, encostado no beliche é o coringa. Ele está muito cansado. Trabalhou a viagem todinha sem parar. A sua vida é um tanto diferente da do mestre. O coringa é sempre um menino. Moço na idade e moço no pensamento. Mas, ele, como todos os outros meninos, tem um ideal sincero e nobre. No futuro será um grande barcaceiro. Suas aventuras e seus arrojados serão cantados pelos seus filhos e pelos seus netos. Por enquanto, ele só vê no mestre o seu pai, o seu guia por entre as ondas do mar. Ajuda bastante a todos os outros, a marujada do barco. Faz o fogo, café, baldeia, com os outros, o convés. A noite está sempre de prontidão e começa acendendo logo os faróis, um verde e outro



Na outrora aldeia de São Miguel do Arrecife as barcaças atracam enchendo de graça e poesia os recantos do Capibaribe.

vermelho. Gosta muito de ficar na proa. E lá, em cima toca realêlo e canta canções alegres que relembra as brincadeiras dos marujos do Nordeste:

Alvistas, meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avistei terras em França oh!
[tolina]
Areias em Portugal...

O mestre quando está de lua, o que acontece, responde abrindo o sorriso branco para o alto do mastro:

Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Olha pra estrela do norte, oh!
[tolina]
Para nos poder guiar.

O contra-mestre satisfeito como nunca e orgulhoso do seu posto reclama com grande alegria:

Virar, virar, camaradas,
Virar com grande alegria,
Para ver se alcançamos
A cidade da Bahia.

Mas essa vida não é somente um céu aberto. O barcaceiro e todos da nau tem as suas horas de angústia e os seus minutos de apertados. Uma tempestade braba, o mar revoltoso e o suor caindo aos pingos:

Triste vida é a do marujo:
Qual delas é mais cansada...
Que pela triste soldada
passa tormentas...
passa trabalhos...
Bom, dom...

Os nomes. Ah!... os nomes das barcaças! Eles são os mais bonitos do mundo. Cada barcaça tem a sua história e o seu nome diz tudo. Gaivota Branca... Cisne Negro... Luciola... Nossa Senhora do Ó. Senhora dos Navegantes... Hiena...

Ah, bem rente ao cáis está uma. No chapuz tem escrito: Menina Bonita. Diz o mestre que veio de Tamandaré, uma praia que fica abaixo da barra de Serinhaém, mais para o sul, juntinho de São João da Coroa Grande... No mastro tremula a bandeira nacional. Na borda ficam os faróis: um, do lado direito, que tem a cor verde, e outro, do lado esquerdo, clareando com a luz vermelha. Jaso é pra não ha-

ver beijação no Alto mar, na escuridão da noite.

As barcaças, todas elas, são pintadas de azul, de verde, de amarelo, de encarnado. Uma

roteiro certo das mais belas praias do Nordeste: Gaibó, Sudape, Nazaré...

Quando vem do norte passa ao longe de Olinda, apreciando com o olhar seguro dos seus tripulantes as luzes que clareiam a velha vila de Duarte Coelho, as torres das igrejas seculares e os montes cobertos de casas de telhados antigos relembra os seus tempos áureos do século XVI, das angústias, dos senhores de engenho.

Navegando perto da costa com suas velas alvas e o casco azul, verde, branco, a barcaça cruza, desde Salvador até Natal e indo além das praias de Iracema, os mares que beijam estas bandas do Brasil.

E em São Miguel do Arrecife ela encontra um repouso seguro nas águas do Capibaribe, bem ali no cáis da Alfândega...

faixa branca ao redor é pra poder botar o nome.

Quando vem do sul acompanha o clarão do farol de Santo Agostinho que lhe mostra o



... e o veleiro surge à vista de Olinda.



Ao abrir do dia já está fora da barra, bordejando praias distantes. Suas velas alvas acenam adeus ao coqueiral do Nordeste.

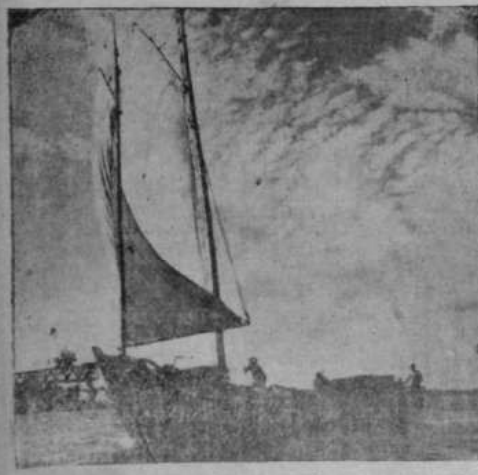
Depois de preparar toda a sua carga: carvão ou lenha, côco ou açúcar, ele parte em demanda de outras pousadas à beira do Atlântico. Parte acompanhado do contra-mestre, do moço, do gageiro, do coringa. Parte no bojo de sua grande amiga: a barcaça, o veleiro dos homens do litoral nordestino.

E na maciata ele entra pelo

mar. Desaparece no meio das águas verdes, naquele turbilhão, onde o ouro do sol reflete, nas velas pandas e alvas, os raios de um astro que dizem ser rei...

Os dias se passam como a poesia do redemoinho nos desertos do sertão de Pajeú.

Ele, o mestre, lá dentro do mar, meditando nos negócios que vai realizar, nas encomen-



Em pleno crepúsculo o "mestre" iza a vela navegando em direção ao oceano para "sentir o mar, para viver o mar..."